

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Maria dos Milagres Diniz dos Santos

**A TECITURA DA PEDAGOGIA DA ESCUTA E DO DIÁLOGO ATRAVÉS DAS
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DAS MULHERES NO “ATELIER COSTURA DA
VIDA: GERAÇÃO DE RENDA QUE TRANSFORMA VIDAS”**

Santa Cruz do Sul
2024

Maria dos Milagres Diniz dos Santos

**A TECITURA DA PEDAGOGIA DA ESCUTA E DO DIÁLOGO ATRAVÉS DAS
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DAS MULHERES NO “ATELIER COSTURA
DA VIDA: GERAÇÃO DE RENDA QUE TRANSFORMA VIDAS”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação. Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa em Educação, Trabalho e Emancipação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador (a): Prof.^(a) Dr (a). Cheron Zanini Moretti

Santa Cruz do Sul
2024

CIP - Catalogação na Publicação

SANTOS, MARIA DOS MILAGRES DINIZ DOS

A TECITURA DA PEDAGOGIA DA ESCUTA E DO DIÁLOGO ATRAVÉS DAS
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DAS MULHERES NO ?ATELIER COSTURA DA VIDA:
GERAÇÃO DE RENDA QUE TRANSFORMA VIDAS? / MARIA DOS MILAGRES DINIZ
DOS SANTOS. – 2024.

90 f. : il. ; 28 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa
Cruz do Sul, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Cheron Zanini Moretti.

1. Trabalho. 2. Emancipação. 3. Saberes. I. Moretti, Cheron
Zanini . II. Título.

Maria dos Milagres Diniz dos Santos

**A TECITURA DA PEDAGOGIA DA ESCUTA E DO DIÁLOGO ATRAVÉS DAS
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DAS MULHERES NO “ATELIER COSTURA
DA VIDA: GERAÇÃO DE RENDA QUE TRANSFORMA VIDAS”**

Dra. Cecilia Maria Ghedini

Professora Examinadora – Programa Pós-Graduação em Educação
Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE

Dra. Cristina Luisa Bencke Vergutz

Professora Examinadora – Programa Pós-Graduação em Educação
Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC

Dr. Moacir Fernando Viegas

Professor Examinador – Programa Pós-Graduação em Educação
Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC

Dra. Cheron Zanini Moretti

Professor Orientador – Programa Pós-Graduação em Educação
Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa à todas as pessoas que me acompanharam e deram suporte ao longo do mestrado e em especial às mulheres participantes desta pesquisa, pela confiança e partilha de seus saberes.

AGRADECIMENTOS

Desde que comecei a compreender as etapas da educação, o mestrado tornou-se um sonho, perpasssei pelo desejo em ingressar em muitas áreas durante a educação básica e ao término do Ensino Médio possuía a pretensão de caminhar pelas Ciências Exatas. Costumo dizer que a Educação me escolheu antes de eu escolhê-la, na infância eu sonhava em ser professora, mas fui abandonando esse desejo influenciada pela afinidade com outras áreas e pelo estímulo em escolher áreas mais “rentáveis”, mas o desejo de cursar um mestrado e um doutorado sempre esteve comigo independente da área que eu escolhesse. Na adolescência, eu lecionava aos meus colegas de classe conteúdos de matemática e física, e eu acreditava que seria nessas áreas que eu iria ingressar, no entanto, por alguns fatores não consegui me deslocar da minha cidade a fim de estudar na capital São Luis-MA ou no estado do Piauí, na época eu não fui grata por isso, mas hoje eu sou.

Sou grata e agradeço à Deus, primeiramente, por ter ingressado no curso de Pedagogia e por todas as oportunidades que possuí em ocupar espaços na educação. Sou grata por Ele não ter me deixado desistir de tudo, quando os dias se tornaram dolorosos e pelas pessoas que manteve e mantém em minha vida que me ajudaram nesse processo. Agradeço à professora Nony Braga que proporcionou essa oportunidade ao estabelecer parceria com a Universidade de Santa Cruz do Sul, pois eu possuía o sonho em iniciar o mestrado logo após a conclusão da graduação, mas pela necessidade de trabalhar, eu não conseguiria permanecer na capital do estado, então quando a professora me fez o convite eu prontamente aceitei e imergi nesta caminhada.

Agradeço aos meus pais e à toda a minha família, pelo apoio de sempre, por serem minha base e meu apoio, por serem um ponto de pouso e abrigo, morada e acolhimento, mesmo eu não sabendo recorrer.

Eu irei contextualizar, brevemente, o meu percurso no mestrado, para compreensão de como ele significa para minha história enquanto mulher. Nos primeiros seis meses do mestrado, eu consegui me dedicar totalmente, estava feliz e motivada, consegui me deslocar sozinha até Santa Cruz do Sul-RS, conhecer meus/minhas colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Grupo de Pesquisa: Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Decoloniais, a qual agradeço pela partilha, companheirismo e amorosidade. Após este período, minha vida mudou, perdi uma pessoa

muito querida, meu avô, José Henrique Diniz, e essa perda me impactou muito e afetou principalmente o mestrado e acentuou uma dificuldade em escrever e me conectar, eu me fechei e com o apoio da minha queridíssima orientadora Cheron Zanini Moretti, dos coordenadores do PPGEduc-Unisc, professores Sandra S. Richter e Moacir F. Viegas, eu consegui retomar a pesquisa e me readequar neste processo, a quem sou grata.

Passados mais seis meses, sofri uma nova perda, essa me desestabilizou completamente, perdi meu querido irmão Murilo Diniz, e eu nunca mais fui a mesma, os impactos na minha vida foram desastrosos, o processo de escrita tornou-se doloroso, parar para sentar e escrever era sinônimo de parar para pensar no caos no qual eu me encontrava. Neste período, eu não soube pedir ou aceitar ajuda, acreditava que ia conseguir lidar com tudo sozinha. Eu aprendi que o mundo não espera o nosso sofrimento passar, nem o trabalho e nem as pessoas, estava em um sofrimento solitário e me recusava a vivenciar o meu luto por ter que ser e dar suporte aos meus pais e meus irmãos como filha e irmã mais velha. Eu sempre fui muito sorridente, no entanto, desde esse período meus sorrisos não eram sinônimo de felicidade e talvez ainda não sejam, pois ela nunca mais será completa. Passados outros seis meses, perdi mais uma pessoa próxima e querida, dessa vez minha avó, a qual eu chamava de mãe, após isso, instaurou-se um medo, um medo de perder mais alguém somado a uma incapacidade em demonstrar que eu estava desmoronando.

Muitas pessoas me viram como sendo uma pessoa forte neste período, por organizar os velórios e todas as questões burocráticas relacionadas a isto, mas eu não fui. Todos os dias eu desejava não acordar, pois estar acordada era como estar em um pesadelo. Neste período questioneei como os ritos da Igreja Católica são dolorosos, com seus terços rezados todas às 18:00 h durante sete dias e as visitas às 05:00 da manhã de 07 e 15 dias e 1 mês e 7 meses e 1 ano, ritos estes que tive que organizar já que outras pessoas não conseguiriam. Tudo isso, me impactou e influenciou absurdamente como eu conduzia a minha pesquisa, muito embora o mestrado sempre ter sido um sonho, tornou-se um espaço de angústia. Ainda que tentasse retomar e acompanhar os/as meus/minhas colegas, eu não conseguia, não me sentia capaz e pertencente, não conseguia escrever. Eu pedia à Deus para voltar a ser quem eu era e a conseguir me concentrar e focar no meu projeto. Eu acreditava que eu iria conseguir voltar a ser a mesma pessoa de quando eu iniciei os meus estudos no mestrado, mas me enganei com isso e por várias vezes me autossabotei.

E houve um momento que eu desisti, pois eu sabia que era impossível retornar, que eu estava protelando um sofrimento. Eu agradeço, novamente, à minha orientadora, a professora Cheron Z. Moretti, por ter sido humana e compreensiva, por não ter deixado isso acontecer. A sensação que eu tive foi que ela me estendeu a mão, me levantou e ajudou a caminhar na minha pesquisa. Eu entendo a carga que é ajudar alguém que não se deixa ser ajudada, e eu sei que foi Deus que providenciou pessoas como ela para não me deixar afundar ainda mais.

Agradeço aos meus amigos João Pedro Cardoso e Jeciely Aguiar, por todo o apoio ao longo desses anos, sem vocês eu não conseguiria estar aqui. À minha psicóloga Danniely Borré, pelo acompanhamento no processo terapêutico e por me ajudar a lidar com todas as minhas questões, a terapia foi uma decisão tomada em 2024 e que foi essencial para a conclusão da pesquisa.

Às mulheres do Atelier “Costura da Vida”, pela receptividade, acolhimento e pela confiança em mim depositada ao partilhar suas trajetórias e saberes. O Atelier se tornou um ambiente de paz e escuta, do qual pretendo continuar fazendo parte.

E por fim, agradeço a mim, por embora todas as dificuldades ter reconhecido a necessidade de ajuda e a aceitado. Por embora não querer acordar, ter acordado e vivido ao longo desses dois anos e vivido um dia após o outro.

EPÍGRAFE

*“[...]quem ensina aprende ao ensinar e
quem aprende ensina ao aprender[...].”
(Freire, 1997, p.29)*

RESUMO

Esta dissertação versa sobre os saberes da experiência das mulheres na produção de redes no Projeto Atelier “Costura da Vida”, em Chapadinha-MA. A partir dela, buscou-se compreender como o diálogo e a escuta se manifestaram nas atividades de produção das redes e se relacionaram com os saberes da experiência das mulheres participantes do projeto. Tendo em vista que, ao estarem inseridas em um espaço que possibilita educação não escolar e que as atividades ocorrem de forma coletiva, o diálogo e escuta tornam-se indissociáveis. Especificamente pretendeu-se conhecer as trajetórias formativas e de vida dessas mulheres investigou-se os saberes da experiência das mulheres em um contexto de educação não escolar e descreveu como os saberes se manifestam na/durante a produção de redes; além disso, observou-se e analisou-se a presença e/ou ausência da escuta e do diálogo na realização das atividades desenvolvidas no “Atelier Costura da Vida” e a sua importância na troca e construção de saberes. A pesquisa foi realizada com as artesãs ao longo de 11 meses. Para tanto, foi realizada observação participante com utilização de diário de campo para registro das observações e foi realizada entrevista semiestruturada com três artesãs participantes do projeto. Os dados obtidos foram transcritos e sistematizados para análise. Desta forma, os saberes advindos da experiência das mulheres, refletem sobre os saberes que elas possuem, produzem e trocam por meio da escuta e do diálogo. As relações entre a escuta e o diálogo constituem uma pedagogia própria identificadas e analisadas a partir dos saberes da experiência feito, saberes da experiência, saber fazer, saber da prática, saber do lar, saber técnico, saber da maternidade, saber do artesanato e saber da consciência corporal.

Palavras-chave: Trabalho, Emancipação, Saberes.

ABSTRACT

This dissertation deals with the knowledge of women's experience in the production of hammocks in the Atelier Project "Costura da Vida", in Chapadinha-MA. From it, we sought to understand how dialogue and listening were manifested in the production activities of the networks and related to the knowledge of the experience of the women participating in the project. Considering that, by being inserted in a space that enables non-school education and that the activities occur collectively, dialogue and listening become inseparable. Specifically, it was intended to know the formative and life trajectories of these women, the knowledge of women's experience in a context of non-school education was investigated and how knowledge is manifested in/during the production of networks; in addition, the presence and/or absence of listening and dialogue in the realization of the activities developed in the "Atelier Costura da Vida" and its importance in the exchange and construction of knowledge were observed and analyzed. The research was carried out with the artisans over 11 months. To this end, participant observation was carried out using a field diary to record the observations and a semi-structured interview was conducted with three artisans participating in the project. The data obtained were transcribed and systematized for analysis. In this way, the knowledge arising from the experience of women reflects on the knowledge they have, produces and exchanges through listening and dialogue. The relations between listening and dialogue constitute a pedagogy of their own, identified and analyzed based on the knowledge of experience, knowledge of experience, know-how, practical knowledge, home knowledge, technical knowledge, motherhood knowledge, crafts knowledge and body awareness knowledge.

Keywords: Work, Emancipation, Knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de Chapadinha-MA.....	33
Figura 2- Portal de entrada de Chapadinha-MA.....	34
Figura 3- Festejo de Nossa Senhora das Dores.	36
Figura 4- Logo do Projeto Atelier Costura da Vida	41
Figura 5- Artesãs recebendo Instruções.....	42
Figura 6- Preparação da máquina de costura.....	42
Figura 7 – Mulheres desfiando o tecido.....	43
Figura 8 – Junção das tranças.....	44
Figura 9 – Mamucabo.....	44
Figura 10- Utilização do tear.....	45
Figura 11 – Exposição das redes.....	46
Figura 12 – Artesã e cliente.....	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Mapeamento de Teses	80
Quadro 2- Mapeamento de Dissertações	80
Quadro 3- Mapeamento de Teses e Dissertações.	81
Quadro 4- Mapeamento de Teses.....	81
Quadro 5- Mapeamento de Dissertações	82
Quadro 6- Participantes da Pesquisa.....	51
Quadro 7- Quadro de Saberes.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS

AIP	Autoavaliação Institucional Participativa
C&T	Ciência e Tecnologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNFCP	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
CNHNB	Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
EEIUFRJ	Escola de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro
EFASC	Escola Família Agrícola De Santa Cruz Do Sul
FAP	Faculdade do Baixo Parnaíba
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituições de Educação Superior
MA	Maranhão
MS	Mato Grosso do Sul
PAP	Professor de Apoio Pedagógico
PR	Paraná
ProUni	Programa Universidade para Todos
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNIPAM	Centro Universitário de Patos de Minas
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	TECITURAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	15
2.1	Tecituras bibliográficas e epistemológicas das pedagogias e dos saberes femininos....	15
2.2	Fios teóricos da educação em espaços não-escolares: reflexões sobre saberes da experiência e pedagogias outras.....	153
2.2.1	Educação em espaços não escolares, educação social e educação popular.....	25
2.2.2	Saberes da experiência e educação em espaços não-escolares com as mulheres.....	27
2.3	O diálogo e a escuta como pedagogias outras.....	29
2.4	Fios práticos da pesquisa: o projetado e o realizado na pesquisa.....	32
2.4.1	Lócus de pesquisa.....	32
2.4.2	Técnicas e Procedimentos de Pesquisa.....	39
2.4.3	A observação e aproximação entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa.....	40
3	FIOS QUE CONECTAM OS SABERES E AS EXPERIENCIAS.....	49
3.1	Trajetórias formativas e de vida das mulheres.....	50
3.2	Saberes da experiência das mulheres.....	57
3.3	Aprender-ensinar, trocar e construir saberes.....	64
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICES.....	74
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	74
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO.....	75
	APÊNDICE C – QUADRO DE SABERES	76
	APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	77
	APÊNDICE E – Termo de Anuência	79
	APÊNDICE F- MAPEAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES.....	80
	APÊNDICE G- CRONOGRAMA.....	83

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação é fruto de uma série de inquietações, onde delimitá-la constituiu-se um desafio, por ter em seu lócus de pesquisa vários determinantes sociais que poderiam ser investigados, como os processos de ensino nos cursos ofertados e nos demais projetos desenvolvidos pela associação Real Brasil, porém pela diversidade de sujeitos participantes não seria possível alcançar os objetivos pretendidos nesta dissertação. A pesquisa aqui realizada se insere na Linha de Pesquisa em Educação, Trabalho e Emancipação, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

O lócus de pesquisa se constitui em um projeto social intitulado “ATELIER COSTURA DA VIDA: Geração de renda que transforma vidas” ofertado pela Associação Real Brasil, localizada no município de Chapadinha-MA, destinado a mulheres e que agrega atividades formativas, culturais e profissionais, tendo como objetivo proporcionar um espaço de caráter educativo e com fomento à geração de renda, sendo este financiado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB. A escolha por pesquisar neste projeto, deu-se em razão da proximidade que possuo com a referida associação e em razão do relevante serviço prestado por ela no município de Chapadinha-MA, nos seus 39 anos de existência, nascendo de um sonho do seu idealizador Oseas Lopes, conhecido por Manim e inspirada no time de futebol Real Brasil, a associação iniciou suas atividades com uma escolinha de futebol e ampliou ao longo dos anos para a oferta de cursos e desenvolvimento de projetos para a comunidade local, que segundo estimativa da própria associação, ela atende aproximadamente 500 pessoas por ano, oriundos de diversos bairros da referida cidade, promovendo também ações com o apoio de parceiros/as da associação.

Desta forma, a questão orientadora que me debruço em investigar é a seguinte: “Como o diálogo e a escuta se manifestam nas atividades de produção de redes e como se relacionam com os saberes da experiência entre as mulheres do projeto ‘ATELIER COSTURA DA VIDA: geração de renda que transforma vidas’?” Para tanto, optei pela utilização do termo “tecitura” em decorrência deste representar os fios que transpassam o tear, este objeto de trabalho das mulheres que participam do projeto, como alusão aos fios invisíveis que conectam e entrelaçam a escuta e o diálogo, tornando-se uma relação interdependente.

Antes de apresentar informações iniciais acerca do local de pesquisa, irei me situar enquanto pesquisadora e apresentar minha relação com o lócus escolhido. Eu possuo naturalidade chapadinhense e sempre residi na cidade de Chapadinha-MA, sou formada em

Pedagogia pela Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP), sendo bolsista integral pelo Programa Universidade para Todos (ProUni). Trabalhei durante os anos de 2017 a 2019 na educação do campo, onde residi no povoado Cercadinho, em razão deste ficar muito distante da zona urbana à aproximadamente 68 km da sede, e, aprendi muito sobre as relações e construções sociais, principalmente sobre a manutenção de costumes do patriarcado, por nesta localidade haver a reprodução do papel da mulher como subserviente e obediente ao marido e com atribuições pré-definidas e, muitas vezes, aceitas por elas. Mesmo ante a esta realidade, a pesquisa com mulheres ainda não era um interesse de pesquisa, mas a experiência de convívio e diálogo com elas possibilitou a leitura e a curiosidade sobre os saberes das mulheres que participam do projeto social, em questão.

Após este período, atuei como conselheira tutelar por quatro anos, eleita por meio de votação em uma eleição não obrigatória e com grande participação, principalmente das pessoas do povoado onde atuei como educadora e que construí relações de afeto e de confiança. Durante este período, atuei com diversos seguimentos do município, como as secretarias municipais de educação, saúde e assistência social, bem como diversas entidades governamentais e não governamentais. Como também realizava atendimentos e visitas domiciliares em toda a extensão do município, conheci diferentes composições familiares e diferentes realidades socioculturais. A Associação Real Brasil é uma entidade parceira do Conselho Tutelar, onde eram encaminhados crianças e adolescentes para inserção nas atividades desenvolvidas, e eu também participava do Projeto Escuta Integral, que é direcionado às vítimas de violações de direitos. A partir desta participação fui me familiarizando com a associação e a partir da implantação do projeto destinado às mulheres fomentou o meu interesse por estar e pesquisar com elas.

Mesmo após a minha saída do Conselho Tutelar, atuar com pessoas em situação de violação de direitos tornou-se um desejo e uma motivação, assim atualmente estou atuando como conselheira municipal dos direitos do/a idoso/a. Outro ponto a se salientar é que possuo aproximação com os movimentos religiosos presentes no município por ter uma participação ativa neste seguimento, atuando como catequista na igreja e tendo contato com outros movimentos além da igreja católica em razão da religiosidade estar muito presente na cidade.

Desta forma, destaco que algumas informações apresentadas ao longo da caracterização da cidade de Chapadinha-MA, que será realizada posteriormente, são provenientes do conhecimento adquirido por meio destas experiências de vida.

Destaca-se, ainda, que o campo de pesquisa escolhido, um projeto desenvolvido pela Associação Real Brasil, não possui fins lucrativos, além de ser mantida predominantemente por

parceiros da referida instituição. Inicialmente, a associação não trabalhava diretamente com as famílias das crianças e adolescentes que atendiam, mas diante da necessidade evidenciada e influência direta na formação individual e na permanência das crianças e adolescentes nas atividades desenvolvidas, que por vezes acabavam se desligando para poder trabalhar e ajudar no sustento de suas famílias e/ou acabavam se envolvendo em atividades ilícitas, visto que há uma grande incidência de aliciadores/as de jovens que buscam naqueles e naquelas mais vulneráveis incentivá-los/as a consumir e a vender substâncias psicoativas, os/as afastando das atividades e de suas famílias. Diante dessa necessidade de ampliar a renda das famílias e de oferecer condições às mulheres de se estruturarem e reestruturem financeiramente e que estas se fortalecessem em seus núcleos familiares construindo sua autonomia, houve um empenho por parte da associação em buscar meios para que fosse possível ofertar cursos destinados a elas, com as condições e recursos necessários.

Diante deste cenário, e sendo uma parceira da associação, antes enquanto cidadã chapadinhense e após ter estado atuando como conselheira tutelar no município, constatei a relevância social da referida associação para essa população e principalmente para o bairro em que ela está situada. Nesta caminhada, a associação contou como um local de acolhimento para crianças e adolescentes vulneráveis socialmente, onde podíamos encaminhá-los para que fossem inseridos nas atividades que lá são desenvolvidas. A partir do ano de 2023, iniciou o “Projeto Escuta Integral: dando vozibilidade a pessoas silenciadas” financiado pelo Fundo para a Infância e Adolescência (FIA), este destinado ao acolhimento, escuta e auxílio às crianças e adolescentes em situação de violação de direitos, que fora ampliado às famílias, ocorrendo todas as quintas-feiras na associação. A partir deste projeto houve uma participação mais ativa das famílias e com esta participação houve um maior incentivo em assegurar que as famílias também fossem amparadas e diante desta necessidade, o Projeto “ATELIER COSTURA DA VIDA: Geração de renda que transforma vidas” conseguiu a adesão de 50 mulheres, destas 30 estão frequentando ativamente o projeto, que é desenvolvido em dois dias na semana, na terça-feira (18:00-20:30) e na quinta-feira (14:00-17:00), sendo que na terça-feira é desenvolvido o trabalho com redes e na quinta-feira o trabalho com corte e costura, o projeto conta com uma coordenadora de artesanato e uma costureira, a maioria das mulheres participam nos dois dias, e fazem exposição dos seus trabalhos em atividades compartilhadas.

Embora seja um projeto relativamente novo, com início em 2023, tem tido uma participação crescente das mulheres tanto da comunidade onde a associação está inserida quanto das comunidades vizinhas, pois as mulheres em rede de colaboração desenvolvem as atividades

proporcionadas pelo projeto e juntas trabalhavam em colaboração, e parte da renda alcançada com a venda da sua produção é destinada às artesãs.

Pretendendo responder ao problema aqui evidenciado, elencou-se como objetivo geral: Compreender como o diálogo e a escuta se manifestam nas atividades de produção de redes e se relacionam com os saberes da experiência das mulheres do projeto “ATELIER COSTURA DA VIDA: geração de renda que transforma vidas”. E para uma melhor delimitação do tema, traçou-se os objetivos específicos: Conhecer as trajetórias formativas e de vida das mulheres participantes do projeto “ATELIER COSTURA DA VIDA: geração de renda que transforma vidas”; Investigar os saberes da experiência das mulheres em um contexto de educação não escolar e descrever como os saberes se manifestam na/durante a produção de redes; Observar e analisar a presença e/ou ausência da escuta e do diálogo na realização das atividades desenvolvidas no Atelier de Costura e a sua importância na troca e construção de saberes.

Diante deste cenário, pesquisar com estas mulheres e estar com elas, proporcionou uma redescoberta da força e luta das mulheres, do reconhecimento do ser e do estar e com os saberes e experiências que elas trocam, reflete uma realidade de muitas mulheres, que buscam em atividades como as desenvolvidas pelo projeto uma possibilidade de melhoria e um refúgio. Desta forma, a pesquisa aqui desenvolvida proporcionou um olhar sobre estas mulheres, que muitas vezes são silenciadas e que se redescobrem a partir da escuta e do diálogo, e traçou um caminho para a percepção da influência que a participação delas no projeto proporciona em sua autonomia. Tornando-se relevante também para o grupo de pesquisa, por dialogar com os saberes e experiências de mulheres em contextos não escolares e ampliar a discussão sobre estes as colocando como protagonistas.

Para melhor compreensão, esta dissertação se estrutura em quatro capítulos principais. O primeiro capítulo apresenta uma introdução da temática investigada, dos objetivos, do lócus de pesquisa e principais pontos abordados no projeto. O segundo capítulo é intitulado “TECITURAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA”, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da temática no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, com o objetivo de evidenciar os trabalhos já realizados que se assemelham à temática em estudo e aqueles que possuem aproximações teórico-metodológicas, no sentido de conhecer os caminhos trilhados e caminhar a partir e com estes. Neste capítulo, é realizada uma reflexão sobre os saberes da experiência das mulheres, à luz de Moacir Gadotti (1995), Paulo Freire (1985, 1995, 1996) e Cristina Vergutz (2021), na sequência foi percorrido sobre os saberes das mulheres, estes tecidos a partir de suas experiências e destas nos espaços não-escolares, conceituando os espaços não-escolares por meio das contribuições de Fernanda

Paulo (2018), e as experiências das mulheres a partir de Ivanilde Apoluceno (2023). Ainda neste capítulo, são apresentados os caminhos metodológicos que foram adotados na pesquisa, o lócus, os sujeitos participantes da pesquisa. O terceiro capítulo é intitulado “FIOS QUE CONECTAM OS SABERES E AS EXPERIÊNCIAS”, este foi realizada a análise dos dados obtidos a partir da pesquisa à luz do referencial construído.

Por fim, é apresentado um capítulo onde são expostas as considerações finais, com as principais constatações encontradas e indagações surgidas no percurso.

2 TECITURAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Neste capítulo, realizei uma discussão acerca de importantes pesquisadores que contribuem para o diálogo aqui realizado e que adensam a pesquisa construída com as mulheres. A partir dele, é possível conhecer e compreender como elas se enxergam e refletem sobre os saberes da experiência que possuem, que produzem e que trocam ao longo de sua trajetória formativa e de sua participação no Atelier.

2.1 Tecituras bibliográficas e epistemológicas das pedagogias e dos saberes femininos

A fim de realizar um mapeamento sobre as aproximações epistemológicas acerca do objeto de estudo aqui delimitado, foi realizado um levantamento bibliográfico no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, sendo utilizados os seguintes descritores: “pedagogia do diálogo”, “pedagogia da escuta”, “saberes femininos” e “pedagogia das vozes”. Desta forma, foi realizado um recorte temporal de 05 anos (2019-2023), estes delimitados com os filtros “pesquisas de mestrado e doutorado”; grande área de conhecimento “Ciências Humanas”; área de conhecimento “Educação”; e programa “Educação”. Para análise foram observados os metadados: título, objetivos e metodologia.

Inicialmente, encontrou-se com o descritor “pedagogia do diálogo” e com os demais filtros citados anteriormente, um total de 16 pesquisas relacionadas. Destas, apenas foram encontradas 04 publicações no ano de 2019, 06 publicações no ano de 2020, 01 publicação no ano de 2021, 05 publicações no ano de 2022 e nenhuma publicação relacionada a este descritor no ano de 2023, conforme pode ser evidenciado no Quadro 1 e Quadro 2 (APÊNDICE D).

Os primeiros metadados analisados referiam-se a uma tese intitulada “Práticas pedagógicas e diálogos interculturais no cotidiano da Educação Escolar Indígena dos Guarani e Kaiowá em Dourados/MS” de autoria de Ilma Regina Castro Saramago de Souza, foi publicada em 2019 pela Universidade Federal da Grande Dourados. Esta teve como objetivo central evidenciar o discurso de professores/as indígenas Guarani e Kaiowá referentes as suas práticas pedagógicas, a partir da educação diferenciada e intercultural, bem como analisar de que forma são articulados os diferentes conhecimentos tradicionais que circulam no cotidiano da escola. A partir da análise da presente tese, observou-se que ela não possui aproximações teórico-metodológicas com a temática aqui investigada, nem com relação aos objetivos e nem quanto à abordagem metodológica.

Em sequência, foi analisada a tese “sentidos da educação narrados pelos professores e professoras do curso de pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres/MT” de autoria de Jose Ferreira da Costa, a qual foi publicada no ano de 2019 na Universidade Federal de Mato Grosso, e objetivou compreender e interpretar as vivências e experiências dos docentes efetivos desse curso por meio de suas narrativas e das descrições dos fenômenos educativos. Como percurso metodológico o autor baseou-se em uma abordagem fenomenológica e utilizou as narrativas como instrumento de coleta de dados. Destaca-se que a referida tese se aproximava da pesquisa aqui realizada apenas com relação ao embasamento teórico, mas distanciou-se da abordagem metodológica aqui seguida.

Ao analisar a tese “Formação continuada centrada na escola, reflexividade e possibilidades de mediação do coordenador pedagógico: um estudo a partir da análise dialógica do discurso” de autoria de Joselene Rodrigues Henriques publicada no ano de 2019 na Universidade Metodista de Piracicaba, observou-se que a autora buscou compreender a atuação do Coordenador Pedagógico para a formação continuada centrada na escola, enquanto parte do processo de desenvolvimento profissional docente. Para tanto ela utilizou como percurso metodológico a dialogicidade, realizando reflexões e análises sobre as vozes na dinamicidade do fazer pedagógico. Destaca-se a relevância de tal pesquisa para esta análise no sentido de ter ofertado caminhos viáveis para que fosse traçado o percurso metodológico.

Partindo para a tese “parcerias entre instituições de ensino superior e museus de ciência e tecnologia no âmbito da formação inicial de professores” de Carla Mahomed Gomes Falcão Silva, publicada em 2020 pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, que possuía objetivo analisar a natureza das parcerias entre IES e museus de Ciência e Tecnologia – C&T no âmbito de licenciaturas de Ciências da Natureza e Pedagogia que dialogam com espaços de educação não formal, categoria na qual se situam os centros e museus de C&T. Observou-se que embora tendo estado entre os resultados provenientes da busca, a referida tese não possuía relação e/ou aproximação com a temática aqui estudada.

Em sequência ao analisar a tese “Políticas em ação do pedagogo: dimensões, finalidades e limites de seu trabalho” de Eloisa Helena Mello, publicada em 2020 pela Universidade Tuiuti do Paraná, cujo objetivo é analisar a relação entre a formação e as políticas do trabalho do pedagogo sob a perspectiva da qualidade social. Observou-se que a mesma possuía grandes aproximações teórico-metodológicas com a temática investigada, tem-se a utilização do materialismo histórico dialético como viés metodológico e traçou-se a relação entre a formação para a emancipação.

A tese “Currículo, afro-latimidade e formação do professor de espanhol: perspectivas decoloniais sobre práticas didático-pedagógicas insurgentes” de Rafael dos Santos Lazaro, publicada em 2020 pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Buscou compreender e analisar de que forma as representações afro-latinas são apresentadas no currículo do curso de formação de professores de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Para tanto o autor abordou o diálogo como instrumento de coleta de dados.

A tese “Avaliação institucional na educação infantil: processos de construção de qualidade em uma creche paulistana”, de autoria de Tassio Jose da Silva e publicada em 2021 pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Rio Claro). Possuía como objetivo central problematizar as concepções de qualidade da Educação Infantil a partir de um processo de Autoavaliação Institucional Participativa (AIP) na rede municipal da cidade de São Paulo, expressa no documento Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, vigente desde 2013. No entanto, esta não se relacionava à temática abordada na pesquisa em questão.

A tese “O processo de curricularização da extensão universitária na formação de licenciandos na UEPG” de autoria de Denise Puglia Zanon de 2022 publicada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, possuía como objetivo desvelar como o processo de curricularização da extensão para as licenciaturas vem se constituindo na Universidade Estadual de Ponta Grossa a partir dos fundamentos produzidos na instituição, os quais sustentam a concepção de extensão universitária. A referida tese aproximou-se da temática em estudo, uma vez que se baseava no conceito de dialogicidade de Paulo Freire, possuindo uma abordagem qualitativa.

A tese “Diálogo pedagógico: princípio fundante da pedagogia crítica freireana” de autoria de Lislely Cristina Gomes da Silva, publicada em 2022 pela Universidade Católica de Santos. Cujo objetivo é desvelar os entranhas do diálogo, seus significados e sentidos na pedagogia freireana, concebendo-o como dispositivo de práticas pedagógicas humanizadoras. A abordagem aqui empregada partiu da perspectiva freiriana do diálogo, tendo este como relação dialética entre uma educação dialógica e emancipatória. Esta tese possuía grande relevância para a temática aqui abordada.

Posteriormente, foi analisada a dissertação de mestrado “A esperança como práxis teológico-pedagógica: um diálogo entre Jürgen Moltmann e Paulo Freire” de autoria de Rogerio de Assis, publicada em 2019 pela Universidade Nove de Julho. A referida pesquisa teve como objetivo apontar pontos em comum e eventuais diferenças entre as ideias de Paulo Freire e de Jürgen Moltmann em relação ao tema da esperança e buscar indicações para a educação.

Embora apresente concepções extremamente relevantes a pesquisa não se relacionava com a temática aqui investigada.

Em sequência foi analisada a dissertação “enquanto uma canoa desce o rio... Relação entre saberes culturais e práticas pedagógicas em uma escola na comunidade ribeirinha (Ilha) do Combu, Belém do Pará” de Arianne Sabado de Melo, publicada em 2020 pela Universidade Federal do Pará. A qual teve como objetivo analisar as práticas pedagógicas dos educadores/as e compreender se estão relacionadas aos saberes culturais dos educandos/as. Sendo realizada pelo método dialético e apresentando resultados que revelam na oralidade o principal expoente dos saberes culturais produzidos, bem como constata uma relação dialógica entre os saberes e as práticas educativas.

Posteriormente, observou-se a dissertação “Formação docente por alternância: estudo de caso de professores egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza da UFPI em Picos, Piauí” de autoria de Lenice Sales de Moura, publicada em 2020 pela Universidade Estadual do Ceará. Esta apresentava como objetivo compreender de que modo à formação por alternância tem repercutido no modo de ser professor/a dos egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, do CSHNB/UFPI. A abordagem empregada nesta dissertação foi a pesquisa qualitativa, buscando realizar uma análise dialógica das percepções dos professores.

A dissertação “Transtorno do espectro autista: atuação do professor de apoio pedagógico no ensino fundamental” de autoria de Vanessa Fernandez Prause, publicada em 2020, publicada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Buscava compreender perante a legislação vigente, como o/a Professor/a de Apoio Pedagógico – PAP organiza o ensino para o atendimento de alunos com Transtorno do Espectro Autista - TEA, que frequentam os anos iniciais do Ensino Fundamental, na rede municipal de Cascavel-PR.

A dissertação “(In)experiência democrática, organicidade e práxis educacional em Freire” de Elaine de Souza Ferreira, publicada em 2022 pela Universidade Estadual de Londrina, e objetivava refletir sobre a importância da práxis pedagógica do diálogo para uma educação democrática. Partindo de um viés metodológico baseado na perspectiva freiriana, considerando a organicidade e a práxis pedagógica do diálogo. Desta forma, a abordagem metodológica e teórica desta dissertação possuía grandes e relevantes aproximações à temática da pesquisa.

A dissertação “Práticas alfabetizadoras de professoras do sistema penitenciário de Ponta Grossa — PR” de autoria de Luana Karoline Pieckhardt Santos de Souza, publicada em 2022 pela Universidade Federal da Grande Dourados. E teve como objetivo central evidenciar o

discurso de professores/as indígenas Guarani e Kaiowá referentes as suas práticas pedagógicas, a partir da educação diferenciada e intercultural, bem como analisar de que forma são articulados os diferentes conhecimentos tradicionais que circulam no cotidiano da escola.

A dissertação “Narrativas de vida de professoras da educação infantil: memórias docentes e identidades em construção” de autoria de Marcia Maria de Oliveira Maia, publicada em 2022 pela Universidade do Estado do Pará. Objetivava refletir sobre a qualidade das práticas educativas desenvolvidas com as crianças dessa etapa. A partir da análise da referida dissertação, observou-se que ela adotou como técnica de pesquisa a utilização de narrativas, onde foi realizada uma reflexão dialética entre as identidades construídas por meio das práticas pedagógicas, a partir das suas subjetividades.

A partir da realização deste levantamento, com a utilização deste descritor, foi possível evidenciar que das nove teses encontradas, seis destas possuíam aproximações teórico-metodológicas com a pesquisa aqui realizada e das sete dissertações encontradas seis possuíam tais aproximações. Contribuindo de forma significativa para a construção teórica e embasamento metodológico, no sentido de ofertar uma visão ampla dos caminhos seguidos em pesquisas com similaridades. Desta forma, foi possível observar o desenvolvimento da Pedagogia do Diálogo em diferentes contextos, sob diferentes abordagens, o que subsidiou a análise dos dados que foram levantados.

Em sequência, são apresentados os resultados encontrados para o descritor “pedagogia da escuta” com a utilização dos filtros mencionados anteriormente. Foram encontradas 05 publicações, sendo localizadas 02 no ano de 2019, 01 no ano de 2020, 02 no ano de 2021 e 01 no ano de 2022. Conforme abaixo relacionadas no Quadro 3 (APÊNDICE D).

A primeira publicação analisada referente ao descritor “pedagogia da escuta” refere-se a uma dissertação publicada em 2019 pela Universidade Federal da Bahia, com o título “Documentação pedagógica no cotidiano da educação infantil” de autoria de Gilmaria Ribeiro da Cunha. A qual possuía como objetivo contribuir para disseminar, reflexivamente, práticas de Educação Infantil influenciadas pelas vozes das crianças, e pelos intentos específicos de relacionar os processos formativos e a escuta como elemento estruturador de práticas docentes e de identificar procedimentos educacionais que promoviam uma interlocução entre a documentação pedagógica, a escuta das crianças e a prática docente. Para tanto, por meio de uma pesquisa de caráter qualitativa, a autora traçou uma relação dialógica entre práxis pedagógica e a escuta dos sujeitos da pesquisa.

Na sequência analisou-se a dissertação “Perspectivas pedagógicas para a educação infantil: a presença da bibliografia italiana na produção científica brasileira” de autoria de Marta

Maria Guerra Koch, publicada em 2019 pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Onde possuía o objetivo central de investigar como a bibliografia italiana de educação infantil vem contribuindo para a educação infantil brasileira, por intermédio da análise da presença desta bibliografia na produção acadêmica nacional. A referida pesquisa, aproximou-se metodologicamente a temática aqui investigada, ao utilizar a pedagogia da escuta como uma das categorias de análise.

Em seguida analisou-se a dissertação intitulada “Pedagogia e escuta responsiva – a cultura da infância na EEIUFRRJ: por práticas pedagógicas dialógicas” de autoria Patrícia Kerschr Pedrosa Bento publicada em 2020 pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Esta se debruçou em compreender e analisar como as representações afro-latinas são estão dispostas no currículo do curso de formação de professores/as de Espanhol como Língua Estrangeira da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Como percurso metodológico foi utilizada uma pesquisa documental em documentos oficiais e uma pesquisa de campo, com utilização de entrevistas com professores ex-alunos da UFRRJ, analisando as suas práxis epistemológicas e metodológicas, destacando-os como protagonistas e sujeitos de saberes e experiências, historicamente ignorados pela academia. Para tanto, o autor dialogou em suas análises com questões relacionadas à decolonialidade e com uma prática intercultural crítica da educação.

Posteriormente, analisou-se a dissertação “Contação e escrita de histórias infantis: a pedagogia da escuta como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança” de autoria de Andressa de Franca Montenegro Pereira, publicada em 2021 pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Esta possuiu como objetivo compreender as contribuições da contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta, para a proteção e (trans)formação da criança. Para tanto a autora recorreu à Pedagogia da Escuta e a utilização da pesquisa autobiográfica.

A dissertação “Documentação pedagógica na educação infantil: análise da produção acadêmica” de autoria de Janaina Baladez Cava Sanches, publicada em 2021 pela Centro Universitário Salesiano de São Paulo, teve como objetivo realizar o estado do conhecimento sobre a temática da documentação pedagógica na educação infantil brasileira e, analisar as produções acadêmicas sobre essa temática com base em teses de doutorado e dissertações de mestrado acadêmico. A partir da análise, verificou-se que tal dissertação não possuía aproximações teórico-metodológicas com a temática em estudo.

A dissertação “Vivências pedagógicas com escuta e sensibilidade na educação infantil: diálogos com a pedagogia social” de autoria de Natalia Moreira Altoe, publicada em 2022 pela

Universidade Federal Fluminense. A qual possuía como objetivo apresentar uma análise da escuta sensível do/a professor/a de Educação Infantil e a importância das vozes das crianças no contexto da Educação Infantil a partir da contribuição da Pedagogia Social. A partir da análise da referida dissertação, observou-se que ela utiliza como bases conceituais a amorosidade, dialogicidade e a escuta sensível, partindo de uma análise das práticas desenvolvidas pela autora.

Com base, no descritor e filtros utilizados, foram encontradas cinco dissertações e não foram encontradas teses relacionadas ao descritor utilizado. Destas cinco dissertações, quatro delas possuem aproximações teórico-metodológicas à pesquisa, principalmente com relação à utilização da Pedagogia da Escuta como percurso metodológico, fornecendo subsídios para análises posteriores.

Posteriormente, foram localizadas 03 publicações acerca do descritor “pedagogia das vozes” com a utilização dos filtros acima informados. Desta forma, encontrou-se 02 publicações referentes ao ano de 2019 e 01 referente ao ano de 2021, conforme apresentadas no Quadro 4 (APÊNDICE D).

A primeira publicação analisada, encontrada a partir da utilização do descritor “pedagogia das vozes”, refere-se a uma tese de doutorado publicada em 2019 pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulada “Tecendo saberes sobre a formação inicial em literatura no curso de pedagogia: as vozes dos graduandos” de autoria de Emanuela Carla Medeiros de Queiros. Esta apresentava como objetivo investigar o processo de formação em literatura vivenciado pelos graduandos do curso de pedagogia de instituições de Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Norte. Destaca-se que a autora realizou um amplo levantamento teórico acerca da temática investigada e adotou como método a pesquisa quantiquantitativa, partindo de uma abordagem descritiva e interpretativa, considerando as vozes dos sujeitos participantes da pesquisa como fator de valorização em todo o processo.

Em sequência analisou-se a dissertação intitulada “Representações sociais na relação professor/aluno como prática pedagógica: as vozes dos alunos de pedagogia do UNIPAM” de autoria de Nubia Cristina Goncalves, publicada em 2019 pela Universidade de Uberaba. A qual objetivou identificar e compreender as representações sociais dos licenciandos dos últimos períodos do curso de Pedagogia do UNIPAM, sobre as implicações da relação professor/aluno vivenciadas por eles durante a formação acadêmica. Embora apresente aproximações conceituais com a temática aqui abordada, a partir da análise da dissertação, observou-se que ela possuía distanciamentos com relação as metodologias empregadas.

Por fim, analisou-se a tese, publicada em 2021 pela Universidade de Santa Cruz do Sul, intitulada “Pedagogia das vozes e dos silêncios: experiências das mulheres na pedagogia da alternância da Escola Família Agrícola De Santa Cruz Do Sul – EFASC” de autoria de Cristina Luisa Bencke Vergutz. A qual teve como objetivo central analisar as presenças e as ausências das experiências das mulheres nesta pedagogia enquanto processo formativo do qual elas produzem pedagogias das vozes e dos silêncios através dos trabalhos do cuidado, domésticos e da agricultura. A investigação, ocorreu inicialmente por um levantamento bibliográfico para conceptualização das categorias que embasaram a pesquisa, traçando um percurso metodológico onde as vozes e os silêncios são interpretados através de uma pesquisa participante feminista e que influenciam diretamente na construção do “ser”. Destaca-se, ainda, que a pesquisa ocorreu durante o contexto pandêmico da Covid-19.

A partir da utilização do descritor e filtros mencionados acima, foram encontradas duas dissertações que após análise dos metadados empregados apenas uma destas contribui para a realização desta pesquisa. Com relação às teses encontradas, apenas uma enquadrava-se no levantamento realizado, contribuindo principalmente para a construção teórica desta pesquisa, embora realizada em um contexto diverso, forneceu caminhos a serem trilhados pela pesquisa aqui realizada.

Sobre o descritor “saberes femininos”, a partir da utilização dos filtros “pesquisas de mestrado e doutorado” e grande área de conhecimento “Ciências Humanas”, foram encontradas 03 pesquisas relacionadas. Destas, apenas foram encontradas 02 publicações no ano de 2019 e 01 publicação no ano de 2018, conforme pode ser evidenciado no Quadro 5 (APÊNDICE D).

A primeira publicação analisada, tratava-se de uma dissertação de mestrado publicada em 2023 pela Universidade Estadual de Roraima, intitulada “A potência dos saberes femininos na agroecologia: os quintais como espaços de reprodução da vida” de autoria de Thais Brito Chacon. Esta possuía como objetivo analisar os saberes agroecológicos femininos, evidenciando a descrição dos saberes e práticas agroecológicas de quatro mulheres residentes no município de Boa Vista. Para alcançar os seus objetivos a autora analisou a historicidade das mulheres a partir das estruturas ancestrais de exploração, de repressão e de resistência que permeiam as mulheres pesquisadas, a partir de suas práticas e saberes agroecológicos.

Na sequência, analisou-se a dissertação de mestrado intitulada “Mulheres na comunidade de linha Paraná Anta Gorda: um olhar sobre saberes da experiência e sociabilidades para o ensino de história” de autoria de Joana Gardasz Serconhuk publicada no ano de 2022, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. A qual buscava contextualizar a vinda de imigrantes ucranianos e poloneses, apresentar reflexões sobre história oral, história

local e memória, além de reconhecer sociabilidades das mulheres rurais. Para alcançar seus objetivos a autora adotou metodologia baseada na história oral no universo da história local, com ênfase nas memórias das pessoas entrevistadas, se busca os saberes femininos na comunidade que contribuem na construção de vínculos entre as pessoas.

Em seguida, analisou-se a dissertação de mestrado intitulada “Tecendo Vozes: Estudo sobre a partilha de saberes femininos no espaço da biblioteca” de autoria de Sauanny de Oliveira Lima, publicada no ano de 2022, pela Universidade Federal do Cariri. Esta buscou analisar de que forma as obras literárias produzidas por mulheres e que contam histórias de mulheres, podem atuar como ferramenta de fomento às discussões acerca da identidade feminina e memória no espaço da biblioteca.

Por fim, analisou-se a dissertação de mestrado intitulada “Memórias silenciosas: (in) visibilidade e saberes femininos no Museu Recanto do Balseiro, Itá, Santa Catarina” de autoria de Lilian Santos da Silva Fontanari, publicada no ano de 2020, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tendo como objetivo discutir sobre a invisibilidade da mulher no contexto da extração madeireira no oeste de Santa Catarina, adotando uma pesquisa qualitativa e tendo como base a metodologia da história oral a fim de reconstituir as histórias de vida de mulheres.

A partir da utilização deste descritor, pode-se inferir que pesquisar sobre os saberes produzidos e construídos pelas mulheres, como participantes ativas deste processo, tornam possível reconhecer o seu papel potente na sociedade. Destaca-se que este levantamento proporcionou um olhar mais amplo sobre as pesquisas realizadas e relacionadas à temática aqui investigada.

2.2 Fios teóricos da educação em espaços não-escolares: reflexões sobre saberes da experiência e pedagogias outras

A educação é interligada por processos que se materializam nos ambientes onde ela é desenvolvida, considerando fatores sociais, culturais, as primeiras experiências educativas iniciam ainda na infância e perpassam toda a existência humana, presentes através das gerações e contendo aspectos oriundos da cultura familiar e comunitária (Fuhrmann; Paulo, 2014). Neste viés, Freire (1996) aponta que para que a relação teoria/prática se efetive é necessário que haja uma reflexão crítica sobre a prática, desta forma, a compreensão das teorias e dos saberes da experiência daqueles que fazem a educação é essencial para se pensar sobre ela criticamente, caso contrário torna-se uma falácia.

Insta frisar que “Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de “experiência feito” para ser de experiência narrada ou transmitida.” (Freire, 1978, p. 38), nesta óptica, caso o/a educador/a não busque proporcionar uma educação que busque a valorização, incorre em uma educação bancária onde há a reprodução das experiências dos/as educadores/as em detrimento das do/a aluno/a. Em contextos, onde a lógica dominante é reproduzida, aqueles e aquelas que ousam educar devem também assumir a posição de construir conhecimento, tendo em vista que “[...] os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em ‘seres para outro’. Sua solução, pois, não está em ‘integrar-se’, em ‘incorporar-se’ a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se ‘seres para si’.” (Freire, 1978, p. 39), assim, quando os sujeitos assumem o controle de, pensam e refletem sobre si e os seus contextos, há uma “assumência” (Vergutz, 2021) de si e seus saberes da experiência. Deixando, assim, de serem “domesticados” (Freire, 1978) por seus opressores, se relacionando com sua realidade de forma reflexiva e crítica.

Quando o/a educador/a, assume também esta função e descobre que “não será possível a superposição dos homens aos homens”. (Freire, 1978, p. 42), ele/a consegue identificar o poder da comunicação que mediatiza os saberes e o pensar sobre o todo de forma livre, pois somente assim tem sentido a vida humana (Freire, 1978). Haja vista que, quando há a proibição desta liberdade de pensamento, junto a ela vem o desenvolvimento de uma ideia incapacidade e impotência. Desta forma, contrário a uma pedagogia hegemônica, “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já, não valem”. (Freire, 1978, p. 44), assim juntos constroem, produzem e dialogam sobre os seus saberes e experiências, frisa-se que a ideia centrão não é o estímulo à uma rebelião e abandono de seus contextos, mas sim o pensar criticamente sobre ele, refletindo e sendo capaz de opinar e escolher, sendo valorizados e postos como iguais, tais como já são, sem distinção ou marginalização, e que a “assumência” não seja de uma realidade imutável, mas sim da infinidade de caminhos possíveis e “escolhíveis” por eles e não por outros alheios à sua vida.

Assume-se, aqui, a ideia de que homens e mulheres possuem e mobilizam saberes, pois toda atividade realizável pelos homens pressupõe a utilização de algum saber, como aborda Freire (1996, p.12):

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes.

Desta forma, os saberes da experiência se manifestam em todas as atividades realizáveis e estes mobilizam outros saberes, que vão sendo construídos e trocados entre os pares. Anterior à realização de uma atividade um ou alguns saberes são necessários, estes podem se confirmar na execução ou modificar-se ou ampliar-se e até mesmo ser construídos outros saberes a partir dela. Em realidade mutáveis, destaca-se que ao assumir a compreensão do olhar sobre si e para os outros, tem-se a compreensão do abandono do aceite de uma realidade que foi destino e escolha divina, tendo a noção de que “[...] sua situação concreta não é destino certo ou vontade de Deus, algo que não pode ser mudado”. (Freire, 1996, p. 41), nesta perspectiva homens e mulheres, possuem o poder de escolha e não apenas de aceite e conformidade, independente dos contextos onde estão inseridos e a educação contribui fortemente neste processo, seja onde ela ocorrer.

2.2.1 Educação em espaços não escolares, educação social e educação popular

A educação está sempre em movimento e a priorização pelo desenvolvimento de uma educação de qualidade engloba a educação ofertada em todos os espaços em que ela ocorra. Este movimento que é realizado é que faz parte do processo de transformação, processo este que somente ocorre graças ao ser humano, que a partir de suas insatisfações individuais e coletivas provocaram e provocam grandes mudanças no contexto educacional, contexto este marcado por práticas de opressão e reprodução de padrões sociais excludentes. Para Paulo Freire, “não há pedagogia libertadora sem respeito ao outro e a suas experiências de vida e às muitas histórias que tecem nossa existência. O máximo de respeito ao outro, às diferenças culturais é um saber fundamental ao fazer pedagógico.” (Trobeta, 2010, p. 55). A compreensão dos diferentes contextos educacionais é necessária para que haja um entendimento de que a educação não ocorre apenas em espaços escolares. Desta forma:

[...] a Educação em seu sentido amplo é uma prática social e cultural. É intencional e possui uma natureza formativa de sujeitos individuais e coletivos. Ela acontece em

vários contextos, é plural, é social e não é neutra, assim como possui concepções teórico-práticas, sejam tradicionais ou crítica. (Paulo, 2022, p. 67).

Partindo deste entendimento, irei abordar algumas concepções acerca da educação em espaços não escolares, educação social e educação popular, esta primeira é caracterizada por “atividades pedagógicas exercidas numa perspectiva da educação social, da educação não formal e da educação informal” (Fuhrmann; Paulo, 2014, p. 554). Assim, esses espaços são considerados privilegiados para que os sujeitos que participam se desenvolvam plenamente, e são fortemente influenciados pela perspectiva da Educação Popular e por Paulo Freire. Para Paulo (2018), a Educação Popular Freiriana é símbolo de emancipação, resistência e luta.

[...] a educação popular emerge como um movimento de trabalho político com as classes populares por meio da educação. Ela pretende ser uma retotalização de todo o projeto educativo, desde um ponto de vista popular. A diferença entre a educação popular e outras concepções está, em primeiro lugar, na origem de poder e no projeto político que submete o agenciamento, o programa e a prática de um tipo específico de educação dirigida às classes populares. Está, em segundo lugar, no modo como o educador pensa a si mesmo e o projeto de educação, no sentido mais pleno que estas palavras podem ter. (Brandão, 2009, p. 27).

Neste sentido, emerge que a educação popular, está inserida no contexto das classes populares e é direcionada a elas, contexto este marcado por lutas e resistência. Desta forma, ela prima por uma educação dialógica que contraria a lógica de educação com uma “a estrutura vertical do ensino” (Brandão, 2009) e oportuniza aos educandos a valorização de suas falas por meio do “o poder da palavra” (Brandão, 2009) no processo de ensino e aprendizagem, nos moldes de uma educação revolucionária (Freire, 1996), onde cultura e educação se unem e estão associadas aos educandos e não impostas a eles. E o/a educador/a, na educação popular, participa do “trabalho de produção e reprodução de um saber popular” (Brandão, 2009, p. 30), onde ele/a desenvolve junto aos/as educandos/as um trabalho social e também político, nesta sua participação ele/a contribui de forma que “o seu saber erudito (o da ciência em que se profissionalizou, por exemplo) em função das necessidades e em adequação com as possibilidades de incorporação dele às práticas e à construção de um saber popular.” (Brandão, 2009, p. 30). Assim, o saber é construído por aqueles/as que fazem a educação, e não meramente transmitido e aceito pelas classes populares e estes saberes, passam a ser saberes orgânicos (Brandão, 2009). Sobre a educação não escolar,

Complementar à educação curricular, entende-se por educação não escolar as atividades pedagógicas exercidas numa perspectiva da educação social, da educação não formal e da educação informal. Assim, nomina-se de educação social o conjunto organizado de conhecimentos científicos oriundos da Pedagogia Social, que

subsidiar processos didáticos, pedagógicos e metodológicos específicos para o desenvolvimento humano e social (Fuhrmann; Paulo, 2024, p. 554)

A educação não escolar, está associada a diversos contextos e lida com uma pluralidade de saberes, tendo um campo muito vasto de atuação, desta forma os/as educadores/as, em alguns casos, não necessitam de titulações acadêmicas, considerando as atividades desenvolvidas (Severo, 2015). Esta complexidade e particularidades que a educação não escolar apresenta requer muito estudo sobre as metodologias desenvolvidas, sobre o perfil dos/as educadores/as, formação continuada e políticas sociais. Tornando necessária a problematização das concepções existentes e as emergentes (Pescador; Paulo, 2020). Neste viés,

[...] a educação não escolar pode vir a se constituir como uma modalidade da educação, com um campo específico de atuação que pode ser institucionalizada (formalizada) ou não institucionalizada. Neste texto e no contexto da nossa pesquisa empírica tratamos da educação não escolar realizada em espaços formalizados e vinculados às políticas sociais. Dizendo de outra forma, o educador social que trabalha em espaço não escolar é um dos agentes promotores das políticas de garantia de direitos, desenvolvendo práticas educativas, que em alguns casos, são apenas interventivas. O público atendido na maioria desses espaços encontra-se em situação de extrema pobreza. (Paulo; Nachtigall; Gões, 2019, p. 21).

Desta forma, a educação não escolar revela ainda a má distribuição de renda e execução de políticas públicas na garantia dos direitos fundamentais básicos, onde o/a educador/a assume uma posição de intervenção, revelando a necessidade de formação para o desempenho desta função, para não incorrer em uma prática assistencialista e desqualificar o seu fazer profissional. Arroyo (2017, p. 27) enfatiza que Paulo Freire “Não propõe como educá-los, mas como se educam, nem como ensinar-lhes, mas como aprendem, nem como socializá-los, mas como se socializam, como se afirmam e se formam como sujeitos sociais, culturais, cognitivos, éticos, políticos que são”. Os destacando como sujeitos pedagógicos, e que há a necessidade de um olhar atento à suas presenças, ausências, silêncios nos espaços em ocupam, e “a suas práticas de liberdade e de recuperação da humanidade roubada” Arroyo (2017, p. 27). Os/as educandos/as enquanto sujeitos pedagógicos aprendem e também ensinam, não devendo apenas serem qualificados como marginalizados, vulneráveis ou inconscientes, estas características os definindo e dando juízo de valor, sobre o que podem aprender ou não, ou que espaços podem ocupar e se pronunciar sua palavra.

2.2.2 Saberes da experiência e educação em espaços não-escolares com as mulheres

As experiências tecem as histórias e são constituídas por saberes que devem ser respeitados e reconhecidos, assim como as escolhas que o fazem. O ser humano é capaz de realizar mudanças nos padrões sociais e romper com as relações hegemônicas de poder (Oliveira; Tavares, 2023). Desta forma, o ato de educar envolve muitos processos dentre estes a criticidade e autonomia entre o/a professor/a e o/a aluno/a, e uma educação revolucionária conforme descrita no tópico anterior tem como base o estímulo ao diálogo de forma democrática e participativa, tendo em vista que “O processo social de criação de cultura é o que atribui ao ser humano a possibilidade de afirmar-se como um ser com consciência a respeito do seu saber”. (Brandão, 2009, p. 54).

Embora a organização da educação não escolar, esteja pautada pedagogicamente, sobre a valorização da experiência prática dos sujeitos com metodologias abertas e sob um viés avaliativo menos tradicional e mais dinâmico que valoriza os saberes dos sujeitos, ainda é possível encontrar-se processos que fogem desta dinâmica e que adotam um caráter mais tecnicista e mais voltado para o treinamento e produtividade, visando atender especificamente as necessidades do mercado (Severo, 2015).

Neste sentido, as experiências das mulheres demonstram os modos de ser e estar, revelam as percepções individuais de si e do outro, proporcionando construções e reconstruções, deixando espaços para aprender consigo e com o outro, individual e coletivamente, por meio da interação com outras mulheres, ressignificando suas percepções e seu modo de estar no mundo. Em todos os espaços em que se frequenta construímos relações por meio da interação humana, que está presente na construção de saberes e na reconstrução de padrões social e historicamente construídos, Freire destaca que:

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar como ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo (Freire, 1996, p. 39).

Desta forma, o local ou a condição em que nascemos não é um determinante do que se pode ser, mas compõe quem somos e a aprendizagem, ocorrida por meio da construção e da interação com o outro mediatizada pelo diálogo, representa a valorização dos saberes individuais e coletivos de todos e todas (Oliveira; Tavares, 2023). Nesse sentido, as práticas sociais escolares e não escolares, se complementam à medida que se relacionam e não possuem uma relação de sobreposição, devendo todos os saberes serem considerados e a valorização da experiência ser fator constitutivo do processo. Nos espaços educativos são abertos espaços para

as experiências e os saberes, na pesquisa realizada por Paixão e Eggert (2014) com mulheres que trabalham com artesanato, foram observadas experiências que se destacavam, entre elas:

[...] a experiência do fazer aponta para uma possibilidade do pensar sobre o fazer e, com isso, significar o trabalho manual, em especial por meio da disponibilidade das artesãs em nos receber e tentar responder a nossas perguntas sobre os processos de criação e produção artesanal. (p.19).

Revelando um certo espanto por parte das mulheres, que por estarem habituadas a “fazer” acabam automatizando alguns processos e não pensam sobre os saberes que mobilizam para realização das atividades. Outra experiência evidenciada é a da maternidade, que aparece por conta dos padrões reafirmados que veem na maternidade como algo próprio que identifica a mulher e a qualifica, sobre isso as autoras apontam que:

[...] devemos levar em conta o espaço e o tempo que essas relações e funções maternas ocupam na própria vida, contribuindo para a formação de sua própria identidade. Isto é: aprendem a entregar sua energia vital, sempre em função dos cuidados e afazeres domésticos, para os outros, como se isso fosse natural, “próprio” delas.

A partir do que fora discorrido, observou-se que as experiências das mulheres devem ser consideradas, que estas demonstram e revelam grandes contribuições sobre o modo como se veem nos espaços em que ocupam, demonstrando que a partir do diálogo e de uma escuta atenta e sensível, suas vozes podem e devem ser ouvidas, não somente nos espaços escolares, mas também nos espaços que estão fora da escola. Que os saberes que trazem e constroem possuem significado e relevância, tanto para si quanto para o outro, principalmente no estímulo a outras mulheres se sentirem pertencente a um cenário onde suas vozes possuem importância e valor.

2.3 O diálogo e a escuta como pedagogias outras

Neste capítulo, busco apresentar uma conceituação e contextualização acerca do diálogo e da escuta, sob uma perspectiva freiriana, ao falar do diálogo nos remetemos a ausência e/ou insuficiência de espaços de participação daqueles e daquelas que são silenciados. Considerando-se, assim, que para estabelecimento do diálogo, prima a escuta, e para que esta escuta seja realizada é necessário que esta assuma “uma postura de atenção associada à de reciprocidade, de assunção nas trilhas freiriana de fala com e não para alguém, numa ação dialógica que evoca a humildade, a amorosidade, a fé nos homens e nas mulheres” (Vergutz,

2021, p. 266), esta estabelecida não em uma relação verticalizada e ancorada no patriarcado, mas em uma relação horizontal, aberta à construção de conhecimentos emancipatórios.

Considera-se que o diálogo se estabelece tanto entre os iguais quanto entre aqueles e aquelas que são considerados diferentes, porém este não se estabelece entre aqueles que apresentam concepções e ideais diferentes, para estes últimos pode haver um acordo, no entanto, predomina o conflito em razão de suas ideologias antagônicas. (Gadotti; Freire; Guimarães, 1995). As mulheres, que por muitos anos possuíram e possuem suas vozes silenciadas, precisam além de pronunciar sua palavra precisam ser escutadas, e a partir desta abertura para o diálogo se tenha uma relação dialógica e problematizadora. (Vergutz, 2021).

Cristina Vergutz (2021), discorre que as vozes das mulheres podem assumir três sentidos, o primeiro deles “vozes eco” são “[...]aquelas que reproduzem as falas, os discursos dos opressores, ou na perspectiva dos opressores. São vozes que se enquadram na linguagem permitida pelo mundo patriarcal, sexista, racista e colonial por ser familiar (“sempre foi assim”) ou por ser confortável, evitando conflitos” (Vergutz, 2021, p. 299). Por vezes, a luta e os saberes das mulheres são individualizados e estereotipados, onde se recorre a emancipação individual e está vinculada apenas aos critérios capitalistas, como se as mulheres somente conseguissem se emancipar quando estas possuem sua independência financeira, diminuindo assim os seus saberes e suas práticas que não são comercializáveis, e como se atender ao mercado de trabalho e se inserir neste fosse a única finalidade e a principal finalidade desta luta. Porém as vozes das mulheres ecoam, os seus saberes e experiências buscam a construção de um

[...] diálogo problematizador oriundo da conscientização enquanto a identificação e compressão da mulher como um ser não adaptado ao mundo dos homens, mas cheia de possibilidades emergentes de seu inacabamento frente ao mundo e as suas relações, assumindo uma posição crítica e não mais ingênua, na qual a mulher “ad-mira” a realidade inerente a sua vida, o “objeto cognoscível” e assume um posicionamento epistemológico. (Vergutz, 2021, p. 276)

As mulheres, em um terreno aberto ao diálogo e com espaços de escuta assumem uma posição emergente e ativa, opinando livres das amarras do patriarcado. Nesse sentido, o segundo sentido denominado por Vergutz (2021) é denominado “vozes de luta e de resistência”, neste a mulher reconhece nas outras mulheres a sua luta e a luta dela, entrelaçadas por sua resistência e esperança de mudança, reconhecendo a sua existência e das demais e todas juntas em prol de um objetivo comum ser escutada. Na sequência, temos o terceiro sentido assumido pelas vozes das mulheres “vozes do conhecimento e saber da experiência feito”, neste as mulheres apresentam os seus conhecimentos, saberes e experiências ao mundo, estes dois

últimos independente de sua validação científica por meio do diálogo, desta forma, elas “Anunciam os conhecimentos mesmo sendo estes considerados acientíficos, subjetivos, pessoais, emocionais, parciais e até mesmo viscerais porque estão ou emergem vinculados ao ser e estar no mundo” (Vergutz, 2021, p. 281).

Nessa perspectiva, as vozes das mulheres buscam unir-se e liberta-se das ferramentas de controle, de discursos previamente impostos e que desconsideram suas individualidades e singularidades, sua liberdade de pensamento e compreensão, seus saberes e suas experiências. Estas ferramentas, se apresentam disfarçadas de uma construção histórica e social onde os sujeitos que outrora foram colonizados deveriam ocupar posições consideradas compatíveis a este público, estas relacionadas ao cuidado, trabalhos manuais e de subserviência, e as atividades tidas como intelectuais seriam destinadas aos colonizadores (Vergutz, 2021).

Desta forma, por conta desta reprodução, por vezes muitas mulheres reproduzem tais discursos e/ou falas, que são marcadas por opressão, como se os determinantes sexuais, raciais e sociais determinassem a posição e o trabalho que cada um irá ocupar, discursos estes que são marcados por preconceitos e discriminação, que buscam uma manutenção de padrões que privilegiam alguns em detrimento de outros, que não considera as vontades e motivações individuais, muito menos dão espaço às vozes e ao diálogo, tendo em vista que ocupam posições antagônicas, nos moldes em que Freire (1995) aponta como empecilho para estabelecimento do diálogo e como terreno fértil para o conflito.

Neste viés, “ecoam as formas de ser e existir das mulheres historicamente construídas na submissão como as únicas e verdadeiras na existência das mulheres” (Vergutz, 1995, p. 300), esses ecos se enraízam em muitas mulheres, por conta ausência de participação e de estímulo para a sua participação efetiva e ativa nos diversos segmentos da sociedade, bem como o fomento a sua participação e ocupação de espaços públicos onde podem ter voz e vez, tendo em vista que essas ausências são tidas como naturais e a mulher acaba por ocupar um papel de parceira e “edificadora do lar”, onde deve ajudar, preparar e apoiar o companheiro para que este ocupe estes espaços, abdicando de suas vontades em detrimento das dos homens, e que é amplamente aceito, e tido como moralmente correto e pertencente ao ciclo natural da vida.

Desta forma, o estímulo à escuta e ao diálogo em todos os espaços, principalmente os espaços educativos, estimulam as vozes de luta e resistência, as vozes dialógicas do conhecimento e do “saber da experiência feito” não somente individualmente, mas também enxergando e refletindo em outras mulheres que possuem a mesma compreensão ou que precisam reconhecer-se e valorizar-se, livrando-se da ideia de reprodução dos padrões que as limitam e inferiorizam.

Este reconhecimento e união de mulheres, não pressupõe que para o estabelecimento do diálogo sejam realizadas perguntas e se espere uma resposta para que haja a ocorrência deste intercâmbio. (Freire; Faundez, 1985, p. 32). Para Freire e Faundez (1985), as experiências, que vão sendo trocadas e discutidas por meio da construção de um diálogo fluido, livre, leve e dinâmico emergindo em uma troca e em discurso vivido e leve, e que essa espontaneidade não prejudica e nem desqualifica a rigorosidade que permeia o diálogo realizado na educação, ou seja, “O estilo é que é diferente, enquanto oral. É mais leve, mais afetivo, mais livre” (Freire; Faundez, 1985, p. 07).

Por esta perspectiva, se constrói uma educação revolucionária, que provoca tanto a palavra escrita quanto a palavra falada, que tanto proporciona o diálogo quanto está aberta à escuta. Que tem a ver com o ouvir e com o falar. Não há dúvida alguma de que também tem a ver com a luta. Desta forma, existe uma educação antes e outra depois que a educação revolucionária se instala, após isto não há espaço para o silêncio e nem pode ser exercida por quem silencia, mas por todos aqueles que provocam e que buscam o diálogo e dá espaço a todas as vozes (Gadotti; Freire; Guimarães, 1995). Nesta reflexão, construir uma educação revolucionária não se limita a proporcionar espaços educativos para isso, mas construir práticas pensadas para promover um ambiente onde os sujeitos se sintam confortáveis para pronunciar os seus saberes e reflexões a respeito de si e do mundo.

2.4 Fios práticos da pesquisa: o projetado e o realizado na pesquisa

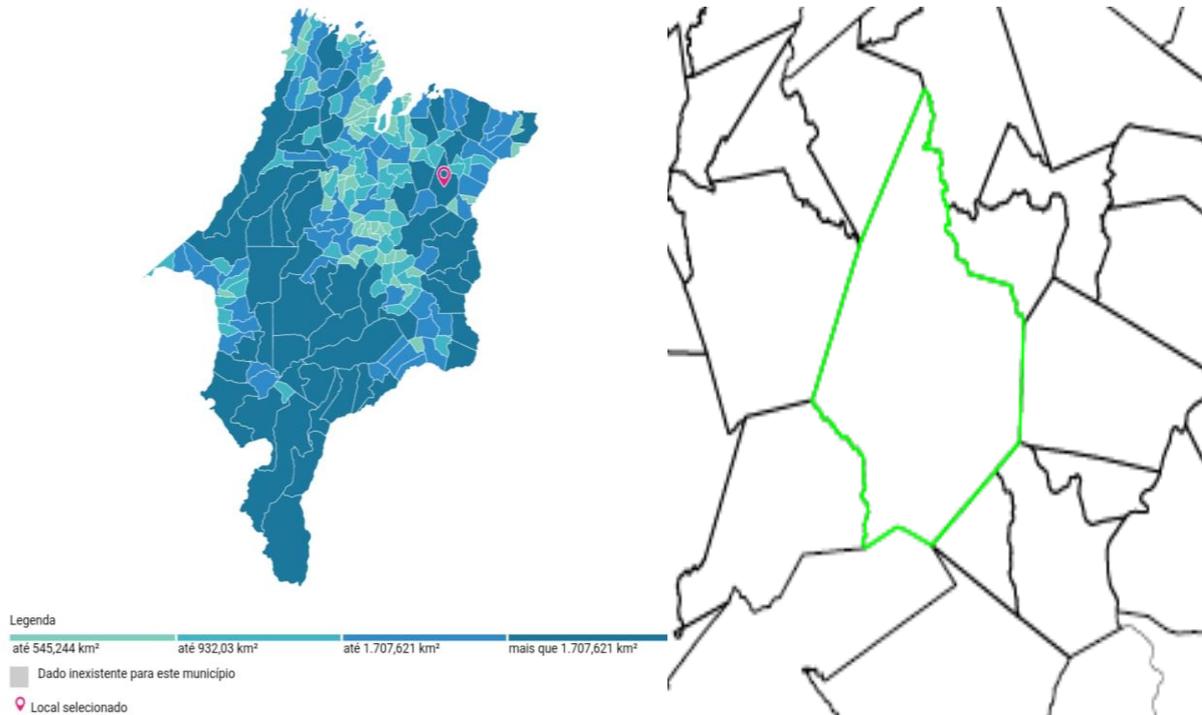
Aqui será apresentado o percurso metodológico seguido, demonstrando as nuances encontradas a partir das observações realizadas e os caminhos seguidos para melhor abordagem e desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada. Contextualizando e apresentando os sujeitos de pesquisa, que contribuíram ativamente nesse processo.

2.4.1 Lócus de pesquisa

A pesquisa foi realizada na cidade de Chapadinha-MA, localizada no interior do estado do Maranhão, distante acerca de 250,7 km da capital do estado São Luís-MA, estando localizada na região leste do estado, sendo denominada, localmente, como a “Princesa do Baixo Parnaíba”. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) possui uma área territorial de 3.247,385km², com uma população de 81.386 habitantes, destes

41.420 são mulheres (IBGE, 2022) a referida cidade possui 86 anos, desde que foi elevada à categoria de cidade pelo Decreto Lei nº45 de 29 de março de 1938.

FIGURA 1- Mapa de Chapadilha-MA



Fonte: IBGE (2022)

Chapadilha-MA, é uma cidade, popularmente, denominada Chapada das Mulatas, em razão de possuir uma região plana e da cor das primeiras mulheres aqui residentes, o que revela uma estigmatização das mulheres, de acordo com sua raça e etnia, sendo socialmente aceito, repercutido e se tornado símbolo da cidade, inclusive nos portais de entrada e saída estão dispostas três “mulatas” em cada um, a partir deste foram criadas camisas vendidas na capital com a imagem dessas mulheres assim representadas, representadas ainda no hino do município, como sinônimo de orgulho desta denominação. Com base na história do município, os primeiros habitantes foram os indígenas Anapuru Muypurá de origem Tupi-Guarani, destaca-se que segundo dados do IBGE, no ano de 2022, apenas 35 pessoas se autodeclararam indígenas em Chapadilha, o que demonstra uma base frágil de heteroidentificação por parte dos seus habitantes e pouco conhecimento sobre sua origem étnico-racial, considerando a disparidade entre seus habitantes e o percentual autodeclarado. A cidade possui uma longa contextualização histórica tendo passado 107 anos na condição de povoado, e 48 anos na condição de vila, nascendo originalmente no bairro Aldeia em 1783 (IBGE (2022)).

FIGURA 2- Portal de entrada de Chapadinha-MA



FONTE: Imagem produzida pela autora (2024).

Chapadinha, possui uma topografia formada por uma chapada baixa com vegetação de campos e cerrados. A vegetação do município é do tipo cerrado. Entre as espécies de plantas mais comuns encontra-se o babaçu, carnaúba e buriti, bem como o pequizeiro, a mangabeira, a faveira e o bacuri. Plantas estas que constituem o sustento de muitas famílias chapadinhenses a partir da extração para consumo e comercialização. A cidade é banhada pelos rios Munim, Preto, Iguará e Itamacaoca, este último possui nascente na própria cidade e é onde foi construída uma barragem de igual nome e que abastece toda a zona urbana (IBGE, 2022).

Na economia prevalece a atividade agrícola e o plantio de soja, embora estes não refletem diretamente na produção de capital interno dos chapadinhenses, tendo em vista que os donos das fazendas onde ocorre o plantio não são naturais do município e boa parte da mão de obra é mecanizada. Predomina, também o comércio. Atividades agrícolas praticadas pelos chapadinhenses referem-se ao cultivo por meio das roças de feijão, milho, arroz, mandioca e outros, mas a produção é predominantemente para o consumo interno e comercialização, mas esta última possui pouca expressão (IBGE, 2022).

A cidade, possui uma terra farta e muito utilizada para o cultivo de alimentos, e apresenta muitos rios onde a população pratica a pesca para consumo e comercialização em pequena escala (IBGE, 2022). Outro fator que possui forte prevalência na cidade são os festejos religiosos, a cidade possui atualmente duas paróquias e vários padroeiros por comunidades, onde cada comunidade pertencente a sua paróquia celebra os seus padroeiros com novenas e

celebrações envolvendo e engajando a comunidade a participar. Embora possua diversas expressões religiosas, o cristianismo se apresenta com mais força, até por conta das primeiras igrejas terem sido católicas. Além dos eventos religiosos, tem-se grandes eventos e expressões culturais como as festas juninas, os blocos de carnavais, a via sacra durante a Semana Santa. As igrejas se mobilizam em buscar a participação feminina, por meio de grupos como “legião de Maria”, “mulheres do terço” entre outros, onde as mulheres “servem” nas igrejas e possuem papéis em cada grupo ou pastoral. Em cada bairro e cada povoado, há uma igreja católica e uma igreja evangélica. Além do cristianismo, a cidade também possui religiões de matriz africana, como candomblé e umbanda, mas com pouca expressividade e mais restritos.

Diante, de um cenário marcado pela presença do cristianismo e do apego religioso, a família e os valores cristãos são fortemente disseminados na região, principalmente com relação à família e a posição em que a mulher ocupa, como exemplo a pastoral da família, destacando ainda que na igreja evangélica as mulheres seguem um código de vestimenta e conduta. Sobre isso, Paixão e Eggert (2011, p. 14) apontam que:

As mulheres, em geral, estão em posições subalternas na vida social, política, econômica e nas religiões. Nesse sentido, esse conceito traz outro olhar para as relações, ampliando a análise para além do sexo, do biológico. Introduce a reflexão de que as relações e comportamentos sociais e institucionais são aprendidos e transmitidos de geração em geração, reproduzindo um ciclo de dominação de uns sobre os outros. O ser homem e o ser mulher dependem, basicamente, das construções sociais e culturais transmitidas e vivenciadas no cotidiano das pessoas.

Essa construção social e que é disseminada de geração em geração, reforça comportamentos que diminuem e dificultam a participação ativa da mulher. No entanto, tem ocorrido em Chapadinha um crescente movimento em relação à participação da mulher, tendo representantes em todas as esferas da vida pública. Atualmente a prefeita municipal é uma mulher e há a presença de uma secretaria da mulher, que não possui recursos próprios e é composta pela secretária municipal da mulher e a secretária adjunta. Esta secretaria realiza ações relacionadas às campanhas de enfrentamento à violência contra a mulher e de promoção à saúde e de bem-estar, garantia dos direitos sociais básicos, no entanto as ações revelam uma escassez de políticas públicas destinadas à mulher. Destaco que fora realizado contato com a secretaria da mulher a fim de buscar por informações relacionadas à mulher, no entanto, não foi possível o acesso aos documentos em razão de ser uma secretaria relativamente pequena e não dispor das informações solicitadas. Destaca-se que também há a presença do Conselho Municipal da Mulher, que possui representantes de diversos seguimentos, no entanto este se

reúne mensalmente e segue as atividades realizadas pela Secretária Municipal da Mulher, restrita às datas comemorativas e campanhas sociais.

No município, há ainda uma associação de mulheres denominada “União de Mulheres de Chapadinha” criada em 2021, que realiza movimentos como palestras, reuniões e ações às mulheres chapadinhenses. Cada avanço, é significativo, considerando que “A hermenêutica feminista valoriza a fala e quem fala. Por isso, dizer a sua palavra a partir do seu lugar é fundamental para reinventar outras formas de viver e ver a vida.” (Paixão; Eggert, 2011, p. 14) buscando a ocupação de espaços de forma igualitária e justa, caminhando no movimento de rompimento de qualquer barreira que as impeça de falarem e serem ouvidas.

Destaco, que as informações relacionadas à caracterização dos costumes religiosos, políticos e sociais, são com base na minha relação com estes espaços, tendo em vista que resido a 28 anos nesta cidade e tenho relação com as igrejas e demais seguimentos em razão da minha atuação enquanto educadora, militante da área da infância e juventude, participação no Conselho Tutelar, Conselho do Idoso e por participar dos conselhos em razão destes últimos estarem situados em um só local.

Um exemplo, de manifestação religiosa muito presente na cidade é o Festejo de Nossa Senhora das Dores, que é muito expressivo e atrai um grande público da zona urbana e rural, envolvendo muitos chapadinhenses, este ocorre ao longo de 15 dias, 14 destes com realização das novenas e no último dia ocorre a procissão, conforme apresentada na Figura 3.

FIGURA 3 – Festejo de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Blog Local (2017).

Chapadinha é uma cidade conhecida por ter uma população hospitaleira e gentil, determinada e trabalhadora, é uma regional e oferta serviços na área da educação com universidades estaduais e federais e faculdades particulares, uma cidade em desenvolvimento, ofertando ainda serviços na saúde e assistência social às cidades vizinhas. No entanto, é marcada pela má distribuição de renda e segundo o IBGE (2020), considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, havia 51.9% da população nessas condições. Essa má distribuição, afeta principalmente as mulheres, que embora representem a maioria da população, ocupam menos espaços profissionais do que homens, ocupando principalmente trabalhos domésticos como complementação de renda.

Esta realidade está presente na vida das pessoas que me cercam, onde muitas mulheres possuem como constitutivo de renda proveniente do Programa Auxílio Brasil¹, e atuam em atividades que são mal remuneradas, principalmente as domésticas, ou são impedidas de trabalhar em outros espaços seja por formação profissional, por falta de oportunidades ou por impedimento de seus maridos. Desta forma, ao tomar conhecimento que a Associação Real Brasil está desenvolvendo atividades voltadas a formação profissional de mulheres no intuito de ofertar condições para que ampliem sua renda, busquei conhecer melhor o projeto e seu público por sua grande relevância social. Para tanto, abaixo realizo a caracterização da referida associação, ainda que tenha a apresentado brevemente no capítulo de introdução.

Localizada na cidade de Chapadinha-MA, está a Associação Real Brasil, uma organização não governamental fundada em 1985 e que desenvolve atividades que incentivam o esporte, lazer e a cultura, visando contribuir no desenvolvimento de ações educativas para crianças, adolescentes e adultos chapadinhenses. Segundo o Estatuto Social da Associação Real Brasil em

Art. 2º. A Associação Real Brasil tem por finalidade a realização de projetos sociais e serviços continuados de assistência social a crianças, adolescentes, jovens, mulheres, pessoas idosas e famílias em situação de pobreza e vulnerabilidades, visando à inclusão social, defesa e garantia de direitos, principalmente das infâncias, juventudes e mulheres, prestando serviços também nas áreas cultura, educação, esporte e lazer, e ecologia integral, com ênfase no cuidado com o meio. agricultura familiar, ecologia integral e economia circular e solidária. (Estatuto Social Associação Real Brasil, 2022)

A associação oferta atividades como: reforço escolar, acompanhamento psicopedagógico, escolinha de futebol, aulas de violão e teclado, e aulas de informática. Além

¹ O programa social Auxílio Brasil, trata-se de uma política pública, sendo este um programa de destinação de renda a famílias que compõem o cadastro único e estão em situação de pobreza e/ou extrema pobreza. (Brasil, 2024).

destas atividades a associação conta com três projetos financiados, dois destes financiados pelo Fundo da Infância e Adolescência (FIA), os quais são direcionados às crianças, adolescentes e seus familiares, e o outro que é objeto de pesquisa desta dissertação o projeto “ATELIER COSTURA DA VIDA: Geração de renda que transforma vidas” financiado pelo Fundo Nacional de Solidariedade fomentado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Ele busca promover a transformação social, mediante geração de renda, incluindo as novas gerações e a mulher no centro do processo educativo de transformação social e da economia solidária. É realizado na sede do Projeto Vida, onde existe uma infraestrutura para os cursos e atividades de informática, violão, teclado musical, bateria acústica, roda de capoeira, com salas, auditório, cozinha, banheiros e os instrumentos necessários, com funcionamento em três horários no turno vespertino e um horário no turno noturno. Nesse mesmo local está organizado o Atelier de Costura, dispondo de um espaço amplo e propício às atividades a serem desenvolvidas. Sua localização é estratégica, por ser circundado por bairros com população de baixa renda, justamente o público-alvo desta iniciativa.

2.4.2 Técnicas e Procedimentos de Pesquisa

Para realização da pesquisa foram utilizados como procedimentos metodológicos o levantamento bibliográfico, desenvolvido anteriormente, com maior destaque para autores como Freire (2015), Paulo (2018) e Vergutz (2021); a realização de entrevista semi-estruturada (Apêndice B) com as mulheres participantes do projeto, e a observação participante das atividades desenvolvidas pelas artesãs às terças-feiras no período noturno entre os meses de setembro do ano de 2023 ao mês de maio do ano de 2024, observando as trocas e processos educativos realizados entre e por elas.

Sobre esta técnica:

se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. (Minayo, 2001, p. 60).

Desta forma, compreender os processos e trocas realizadas dentro do projeto por elas e com elas, foi vital para a construção desta pesquisa. Observando os saberes decorrentes do projeto e da sua vida, como elas constroem e se reconstroem neste processo. Para a construção da pesquisa, foi realizada uma pesquisa de campo na sede da associação, para aproximação da

experiência em questão e para o diálogo com as participantes. Desta forma, foi realizado previamente o diálogo com a presidente da Associação Real Brasil, Maria dos Santos Silva Lopes, para que se conhecesse o Projeto, seus objetivos e perfil das integrantes, bem como fosse consultada sobre a disponibilidade da referida associação em participar da pesquisa. Em seguida, foi realizado o primeiro contato com as mulheres, sujeitos da pesquisa, para ambientação e estabelecimento do primeiro contato com elas, e ainda para que pudessem conhecer os objetivos do projeto e manifestar o interesse ou não em participar como sujeitos de pesquisa. Destaca-se que para registro utilizou-se o diário de campo, que consiste em:

Como o próprio nome já diz, esse diário é um instrumento ao qual recorremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Ele, na verdade, é um "amigo silencioso" que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas. (Minayo, 2001, p. 64).

Desta forma, a cada encontro realizado, foram registrados no diário de campo as minhas percepções e demais informações e inquietações que foram surgindo no percurso. Adotou-se entrevista com roteiro composto por questões semiestruturadas como instrumento de coleta de dados aplicada no mês de julho do ano de 2024, direcionado às artesãs. Para auxiliar na entrevista, foi elaborado um questionário como roteiro dividido em três blocos alinhados a cada objetivo proposto (Apêndice B), que serviu como base para obtenção das questões principais. Para Triviños (1987) estas perguntas são caracterizadas como questionários básicos, que dão aberturas para novas perguntas, assim, pode-se ir complementando conforme as perguntas eram respondidas. Acerca disso, ele pontua que com o uso da entrevista com perguntas semiestruturadas há um favorecimento, referente à “[...] descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade.” (Triviños, 1987, p. 152)

Assim, a entrevista foi realizada de forma individual na residência de duas das três participantes e no Atelier com uma das participantes, todas considerando a disponibilidade de dia e horário, bem como o local onde se sentissem mais confortáveis, cada entrevista foi gravada e transcritas posteriormente, bem como foram registradas no caderno de bordo as percepções e possíveis pontos que poderiam ser abordados nesta dissertação. A escolha pela residência se dá em razão da impossibilidade de esta ocorrer durante as aulas do projeto tendo em vista que as mulheres utilizam este espaço para produzir em conjunto, o que dificulta que conciliem a sua produção e a participação na entrevista. Destaca-se que embora a entrevista possuísse um roteiro previamente estruturado todas as mulheres ficaram livres para complementar com

questões que achassem pertinentes, sempre priorizado a construção de um momento leve e descontraído, onde elas ficassem à vontade para dialogar.

2.4.3 A observação e aproximação entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa

Após o primeiro contato com as mulheres participantes do Atelier, observou-se que eram desenvolvidos dois tipos de atividades: a confecção de redes e a confecção de peças diversas. Inicialmente foi realizada uma conversa com a presidente da Associação Real Brasil, a fim de se obter informações sobre o projeto, ter acesso ao regimento interno da referida associação e ao projeto, bem como a fim de verificar a disponibilidade da associação em participar da pesquisa. A partir deste momento, foi observado que a maioria das mulheres que participavam da confecção das redes, também participava da confecção das roupas, mas que nem todas as mulheres que participavam da confecção das roupas participavam da confecção das redes. Desta forma, levando em consideração que a confecção das redes ocorre no período noturno e que pelo que fora informado pela presidente, as mulheres confeccionam as redes em dupla, o que proporciona uma troca maior e construção coletiva, optou-se por pesquisar com as mulheres que participavam da confecção das redes e que fossem mais frequentes no projeto.

Foi informado pela presidente que há o quantitativo de 50 mulheres inscritas no projeto, que estas estão divididas nas duas atividades. Destas mulheres, 30 estavam frequentando ativamente, que a confecção de roupas (corte e costura) apresentava uma maior aderência do que as das redes, que talvez isto ocorra por conta do tempo de duração para a produção que este demanda. Das mulheres que frequentam as atividades de confecção de rede, 07 mulheres frequentavam ativamente as aulas de confecção de redes realizadas às terças-feiras.

Destaca-se que a partir da realização de uma conversa inicial com o intermédio da presidente da associação, foi realizada a apresentação da pesquisadora para as mulheres participantes do projeto, na ocasião estavam presentes 07 mulheres, que prontamente aceitaram participar da pesquisa e que mostraram muito acolhedoras e receptivas, sendo destacado por elas que a realização da pesquisa com elas proporcionaria ainda mais visibilidade ao projeto e poderia estimular a participação de mais mulheres (Diário de Campo, 2023, p. 01).

Para tanto, as referidas mulheres foram informadas, sobre os critérios que seriam adotados na realização da pesquisa e da entrega e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C), onde declararam a autorização da sua participação neste projeto de pesquisa, autorizando o uso de sua imagem e voz, com identificação nominal. Foi informado a

elas sobre os objetivos e a metodologia que seria empregada, bem como os critérios utilizados para a participação.

Destaca-se que a partir de um diálogo inicial realizado de forma individual foi observado que das 07 mulheres que participam da confecção das redes, tratavam-se de mulheres casadas e com filhos, apenas duas trabalhavam em outras atividades fora de sua residência, as demais dedicavam-se ao trabalho doméstico e uma destas é proibida pelo esposo de trabalhar fora de casa. Sobre as motivações para participação no projeto coordenado pela Associação Real Brasil, a maioria relatou que busca uma alternativa de renda e as demais relataram que buscam atividades que “distraiam a mente” (Diário de Campo, 2023, p. 03). A seguir está apresentada a logo do projeto, no atelier as mulheres se encontram e desenvolvem suas atividades de costura e produção de rede e bem mais que colegas de um curso, se autodenominam como amigas.

FIGURA 4 – Logo do Projeto Atelier Costura da Vida



FONTE: Associação Real Brasil (2023).

Desde o início do mês de setembro de 2023, após o diálogo inicial com a presidenta da Associação Real Brasil e após o contato inicial com as mulheres participantes do projeto, foi realizado acompanhamento de suas atividades, sempre às terças-feiras. Inicialmente elas escolheram suas duplas, e foram orientadas pela artesã Gilmara Mendes. Cada dupla recebeu os materiais, como tecido, linhas, agulhas, entre outros para confecção das redes e participaram de todo o processo de confecção. A cada encontro aprendiam um passo e terminam de executá-lo em casa, alternavam a confecção em cada lado da rede. A partir da organização em duplas, elas escolhiam o tecido que fariam a rede, após este passo, elas costuraram as laterais das redes deixando o espaço para o passo seguinte que seria quando elas teriam que desfiar cada lateral (Diário de Campo, 2023, p. 04). As mulheres conversavam principalmente, sobre o que lhes era

ensinado, aquelas que possuíam dificuldades eram ajudadas por aquelas que haviam se inteirado melhor.

FIGURA 5 – Artesãs recebendo Instruções



FONTE: Imagens produzidas pela autora (2023).

Além da produção das redes, as mulheres precisavam aprender a manusear e utilizar as máquinas de costura para a costura das bordas da rede e, também dos acabamentos necessários. Outro saber necessário era ter habilidades com utilização de agulhas e linhas, bem como coordenação motora fina para as atividades que exigiam essas habilidades.

FIGURA 6- Preparação da máquina de costura



FONTE: Imagem produzida pela autora (2023).

Em seguida, no passo seguinte elas desfiaram as laterais da rede, para que após pudessem entrançar os fios. Este passo é um dos mais demorados, e como é feito em dupla, as mulheres alternavam, uma semana uma das duplas levava a rede para sua casa e na seguinte a

outra, neste processo, como evidenciado a seguir, as mulheres precisavam ter atenção e paciência, bem como organizar o tempo em suas casas para realizá-lo, nesse passo elas pouco conversavam sobre assuntos diversos, tendo em vista a atenção necessária para realizá-lo (Diário de Campo, 2023, p. 05).

FIGURA 7 – Mulheres desfiando o tecido



FONTE: Imagem produzida pela autora (2023).

Após este passo, as mulheres entrançavam os fios, e em seguida os juntavam, nesta etapa havia duas formas de juntá-los, com três tranças ou com quatro. Destaca-se que conforme os passos iam sendo seguidos algumas das mulheres, as vezes faltavam, por motivos diversos, mas pelo menos uma das mulheres de cada dupla frequentava e depois ensinava para a outra. Embora divididas em duplas, elas trabalhavam de forma colaborativa e se ajudavam em cada passo (Diário de Campo, 2023, p. 6). Neste passo, elas conversavam sobre como foi a semana e o que produziram, sobre como haviam se organizado e demorado, conversavam sobre os seus maridos, mas vagamente, verbalizando algumas reclamações deles por conta do trabalho do passo anterior. Friso, ainda que, era frequente falas com a reprodução de padrões comportamentais considerados “tipicamente femininos”, refletindo os saberes do lar e do ser dona de casa, tal como as vozes eco (Vergutz, 2021). Então, por vezes a ausência de ajuda nas atividades domésticas pelos maridos para que elas participassem da produção de redes, era justificada pelo cansaço deles em razão dos seus trabalhos e de que tais tarefas deveriam ser realizadas, obrigatoriamente por elas, sendo a produção das redes condicionada aos momentos livres que possuíam após o término das atividades domésticas que deveriam ser realizadas impreterivelmente de acordo com o trabalho dos maridos, ou seja, estes determinavam os horários da sua organização, como por exemplo, o horário do almoço e do jantar estar prontos. Tais falas demonstram, a materialização das vozes eco, ecoando o que foram socialmente

ensinadas a reproduzir e a aceitar sem questionar. Em cada aula, as conversas variavam, de acordo com a disponibilidade de tempo e da exigência de cada passo a ser seguido, tendo em vista que alguns requeriam maior atenção e cuidado, o que dificultava que conversassem sobre assuntos diversos, mesmo em alguns silêncios elas trocavam saberes, pois os realizavam manualmente ensinando e sendo ensinadas. Como pode ser observado, no passo a seguir:

FIGURA 8 – Junção das tranças



FONTE: Imagem produzida pela autora (2023).

No passo seguinte, as mulheres realizaram o “caseado”, onde elas fazem o acabamento entre as tranças. Este passo também requer mais tempo para realização. Neste passo, algumas mulheres apresentavam maior habilidade, tendo em vista que ele utilizava agulhas e costura, estas ajudavam as outras.

FIGURA 9 – Caseado



FONTE: Imagem produzida pela autora (2023).

No passo seguinte, as mulheres utilizavam o tear para fazer o “mamucabo²”, para tanto elas se organizavam por dia para utilização e iam cerca de duas horas antes para que tivessem tempo para manuseá-lo. Neste passo, elas uniam as tranças por meio do tear, e utilizavam as mãos e os pés para manuseá-lo e para realizar tal ação precisavam fazê-la em dupla. Outro ponto a se destacar é que nesta etapa, ingressou uma nova integrante ao Projeto, e como todas as duplas estavam formadas ela realizou todas as etapas com a ajuda das demais e como estavam alternando para utilização do tear, ela conseguiu acompanhá-las nas etapas, esta integrante é uma das mulheres que participou da pesquisa a senhora Terezinha Alves Pereira, ela levava sua filha para acompanhá-la e esta a ajudava na produção da rede (Diário de Campo, 2023, p. 10).

FIGURA 10 - Utilização do tear para fazer o mamucabo



FONTE: Imagem produzida pela autora (2023).

Como mencionei na introdução, a escolha por utilizar o termo “tecitura” se deu durante a observação do passo onde as mulheres utilizaram o tear, que para manuseá-lo precisavam realizar em dupla, o que fomentou ainda mais esse olhar sobre a construção colaborativa das mulheres, aonde algumas iam para a associação em outros horários a fim de dar sequência a tecelagem. Esse olhar de como as mulheres, através do coletivo, se ajudavam tanto nas suas duplas quanto no grupo, criou em mim um desejo de compreender como as experiências educativas estavam sendo tecidas por elas, a partir da escuta e do diálogo, sempre de forma colaborativa, refletindo uma interrelação que correspondia tanto ao que era ensinado a elas,

² “Componente de rede de dormir que consiste em fios trançados que ligam o pano (corpo da rede) aos punhos.” (CNFCP, 2024).

quanto os saberes das experiências que possuem. Além da empolgação que estas demonstravam quando lhes era qualificado que eram artesãs.

Friso ainda que em cada passo, realizado as mulheres recebiam as orientações e executavam o que lhes era ensinado. Após este passo elas empunharam as redes e em seguida colocaram as “varandas” das redes, estas últimas não foram feitas por elas, foram encomendadas, mas elas manifestaram a pretensão de aprender a confeccionar as varandas posteriormente, neste passo não foram realizados os registros fotográficos. Após todas as redes estarem prontas, foi realizada uma exposição destas, organizada por elas e pela Associação, nesta exposição estavam tanto as redes quanto as peças que produziram no curso de corte e costura. A exposição, contou com grande participação dos parceiros da associação, de pessoas da comunidade e familiares das mulheres. Elas além de organizarem o que foi exposto, também preparam lanches para distribuição para aqueles que participaram, compartilhando também saberes culinários e saberes da experiência que possuía. Nesta exposição, elas apresentaram as suas produções e compartilharam com os presentes sobre o percurso individual durante o processo de produção de redes.

FIGURA 11 – Exposição das redes



FONTE: Imagem produzida pela autora (2024).

Ressalta-se que todas as redes em que elas estavam trabalhando já haviam sido encomendadas, que assim que todas ficassem prontas seria realizada a exposição dos trabalhos e que do valor recebido pelas redes, parte seria destinado a elas e a outra parte ao projeto para

custeio de materiais para confecção de novas redes. Conforme expresso na Figura 12, onde está exposto uma das artesãs que produziu a rede e o comprador desta, o bispo da diocese.

FIGURA 12 – Artesã e cliente



FONTE: Instagram da Associação Real Brasil (2023).

A partir desta exposição, as artesãs comercializavam e faziam o controle de caixa e compra de novos materiais para a confecção de novas redes, desta forma, o atelier passou a ter uma coordenação ampliada composta pela artesã Terezinha Alves Pereira. Após a exposição e comercialização dos produtos, em 2023 as artesãs entraram de recesso durante os meses de dezembro e janeiro, retornando à produção das redes no mês de fevereiro. Ao longo deste período, observou-se uma troca e companheirismo de cada uma das integrantes do projeto, onde sempre estavam dialogando e buscando alternativas para aquelas que por algum motivo não poderiam comparecer às aulas, organizando-se através de um grupo de WhatsApp e sempre buscando contato e interagindo por meio deste no período de recesso.

As artesãs retornaram às suas atividades no mês de fevereiro, onde participaram de um curso ofertado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) de qualificação profissional de Corte e Costura. E após este, no mês de abril, retomaram a produção das redes, com um modelo mais simples e sem varanda, nesta segunda fase as mulheres conversavam mais sobre assuntos diversos como família, sobre o trabalho doméstico, compartilhavam receitas e se organizavam em algumas ações e/ou eventos, como: recepção da Juíza do Trabalho, do Promotor de Justiça Estadual, O Bispo da Diocese de Brejo, o Bispo representante da CNBB; organização de arrecadação de cestas básicas para algumas famílias participantes da Associação Real Brasil; organização de evento com doação de kits para gestantes contendo rede infantil,

fraldas de pano e camisola. Cada evento organizado, contava com lanche feitos por elas, as tarefas divididas e executadas por elas, com a administração dos recursos do Atelier que foram arrecadados com as vendas das redes e das peças da confecção. (Diário de Campo, 2024, p.28).

Destaco, que a minha participação no Atelier se deu por meio da administração das redes sociais e catalogação das peças produzidas, bem como produção de Relatório e Portfólio para prestação de contas das atividades desenvolvidas e sistematização do que as mulheres produziram.

3 FIOS QUE CONECTAM OS SABERES E AS EXPERIÊNCIAS

Na análise de dados, foram utilizadas técnicas da análise de conteúdo, com base em Bardin (1977, p. 31), que a define como:

A análise de conteúdo é um *conjunto de técnicas de análise das comunicações*. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunidades.

Desta forma, esta pesquisa caminhou por uma abordagem qualitativa, onde buscou-se aproximar daquilo que “desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.” (Neto, 1994, p. 51). Gerando uma relação dialógica com os saberes e experiências trocados e construídos. Assim, foi realizada a entrevista semi-estruturada com três das sete mulheres participantes do projeto, sendo estas aquelas, que ao longo do período de aproximação realizado em 2023, demonstraram maior assiduidade às aulas e disponibilidade para participação na pesquisa. Para realização da análise das entrevistas realizadas, foram utilizados como base teórica os/as autores/as aqui apresentados e ainda a dissertação de mestrado intitulada “Saberes de cozinheiras-educadoras em escolas Famílias Agrícolas do Vale do Rio Pardo/RS” de autoria de Hosana Hoelz Ploia, companheira de grupo de pesquisa, tendo em vista o viés metodológico empregado por ela, na análise dos saberes e experiências.

Cada entrevista, conforme mencionado acima, ocorreu em um local escolhido por cada entrevistada, aqui elas serão chamadas por seus respectivos nomes, com a sua autorização. Cada entrevista teve duração de aproximadamente 30 minutos com gravação e aproximadamente uma hora de diálogo após o término. Saliento, que as três entrevistadas demonstraram certo nervosinho com a gravação, embora tendo sido dialogado inicialmente com elas, mas a presença de um gravador as deixou apreensivas e com receio de “errarem” ou falar algo que não me ajudasse na pesquisa.

As perguntas foram divididas em três blocos alinhados aos objetivos almejados nesta dissertação. Inicialmente, apresento no quadro a seguir a identificação de cada mulher entrevistada, bem como suas principais características:

QUADRO 6 – Participantes da Pesquisa

Artesã	Formação	Estado Civil	Quantidade de Filhos	Local escolhido	Quantidade de Redes Produzidas	Duração da Produção	
Maria Betania Lopes Sobrinho	Ensino Médio	Casada	02	Casa	4	1 ^a	3 meses
						2 ^a	1 mês
						3 ^a	1 mês
						4 ^a	1 mês
Terezinha Alves Pereira	Ensino Fundamental	Casada	03	Atelier	3	1 ^a	3 meses
						2 ^a	1 mês
						3 ^a	1 mês
Francineide de Oliveira Aguiar	Ensino Médio	Casada	02	Casa	4	1 ^a	3 meses
						2 ^a	1 mês
						3 ^a	1 mês
						4 ^a	1 mês

Fonte: Autora (2024).

Desta forma, observou-se que as três entrevistadas são casadas, possuem filhos e fizeram aproximadamente a mesma quantidade de redes ao longo do projeto, com a duração aproximada para cada uma. Outro ponto a se considerar é a escolha do local da entrevista, a artesã Terezinha Alves justificou sua escolha por a pesquisa ser sobre o Atelier e o melhor lugar para escolher seria lá, “*O Atelier é o nosso local de fazer acontecer, tem bastante história, vai fazer um ano. O nosso espaço.*” (Terezinha, 2024). Destaca-se também que ela, ao longo da entrevista, emocionou-se ao abordar alguns temas, como a sua família, sua história de vida, o ingresso e o impacto do projeto em sua vida.

3.1 Trajetórias formativas e de vida das mulheres

Dando seguimento, o primeiro bloco versou sobre as trajetórias formativas e de vida das mulheres, assim foi solicitado a elas que se descrevessem como mulher e sua vida sendo mulher, como resposta obtive:

Ser uma dona de casa, me sinto bem assim, me sinto uma pessoa assim, normal. Mulher trabalha muito, não é? As vezes as pessoas falam assim: Ah, mulher fica em casa não trabalha, não trabalha fora, quer dizer que não trabalha, mas trabalha, em casa a gente trabalha muito, não é? Tem as tarefas da gente né, tem que trabalhar, só que aqui em casa só quem faz mais as coisas aqui só sou eu, o marido ele não, não divide tarefa de jeito nenhum, tarefa doméstica tudo é eu. Eu faço só pra fazer mesmo, mas ele num, num, até a comida eu tenho que colocar na mesa. Eu queria assim, que fosse assim, mais dividido, né? Tá pronto, vai lá e bota, mas não, tem que botar na mesa. É cansativo, todo dia você tá ali, pra fazer a mesma coisa e ninguém reconhece, principalmente eles, que acham que ficou em casa não faz nada, parece que tá pouco, tem que fazer mais ainda. Ele é bom, mas tem coisa assim, que ele não é tão assim, ele tinha que ser mais, ele já chega com a cabeça cheia, ele tem uma responsabilidade muito grande, então ele acha que só ele que faz, o que ele faz lá que é importante, o

que a gente faz em casa não é. O dia a dia acostuma, minha sorte é minha menina, que a minha filha veio pra me ocupar e ali eu tenho que, junto com ela, tarefa de casa, tarefa com ela da escola, ai eu me ocupo e ainda arrumei mais o atelier pra gente, no caso, sempre acreditei no trabalho deles, mas ai com a costura com a parte da costura da vida, que foi esse último projeto me chamou a atenção, porque eu tinha vontade de fazer de arrumar um lugar assim pra mim aprender alguma coisa assim. Eu tinha a máquina que minha mãe me deu, mas eu não sabia desenvolver, não sabia criar. E por último, que eu vi que ia, que eu botei minha menina lá pra fazer informática, que eu vi essa parte da costura, eu disse: Opa, vai dá certo, vou pegar alguma coisa de costura. (Betania, 2024).³

Nesta primeira resposta observou-se a presença das vozes de luta e resistência abordadas por Vergutz (2021), ao revelar uma inconformidade com a desvalorização do seu trabalho doméstico, onde ela reconheceu a sua dificuldade e complexidade para realizá-lo e demonstrou o seu desconforto em não dividir estas tarefas. Revelou ainda a presença das “vozes eco” (Vergutz, 2021), ao manter-se realizando as atividades de forma que lhe causam desconforto, mas as tendo como obrigatórias e justificando algumas ações de seu companheiro, mesmo que estas a deixem desconfortável. Salienta-se que ao abordar o trabalho doméstico e sua invisibilidade perante aos homens, aqui verifiquei a presença da “experiência da maternidade” (Paixao; Eggert, 2014), que reforça a mulher como dona de casa e mãe, revelando a necessidade de “dar sentido às atividades das mulheres” (Eggert, 2006, p. 226), nesse sentido a segunda resposta se assemelha à primeira ao apresentar que

Eu me considero uma mulher guerreira porque eu dou de conta da casa, eu dou de conta das coisas nas ruas, eu resolvo tudo na rua, faço minhas compras na mercearia, tudo eu faço. Eu resolvo tudo, eu vou pra igreja. Então o (marido) as vezes fica reclamando comigo porque eu não me aquieto em casa, mas eu tô fazendo algum compromisso, entendeu? Compromisso sério né? Não é uma coisa assim, ah fulano só vive na rua, não, mas eu tô fazendo até pra mim, entendeu? Aí eu me considero uma mulher honesta mesmo, entendeu? (Francineide, 2024)⁴.

A visão do que é ser mulher para as entrevistadas está associada a ser dona de casa, a ser uma esposa, mãe, estando associada ao cuidado e que “Deus as colocou no mundo para serem companheiras do homem” (Terezinha, 2024).

É, ser mulher é uma benção de Deus, né? Ser mãe, dona de casa, É tudo, né? Mulher é tudo de tudo um pouco, né? Tudo um pouco. É é uma guerreira é ser mãe, só em ser mãe já é uma, uma benção, né? Eu sou muito emotiva. Nós somos o quê? Mãe, filha, é dona de casa, somos tudo. Mulher é uma, uma companheira que Deus deu pra o homem que né? E é não tem nem palavras do que falar né? Só mesmo Deus pra saber o quanto é importante ter uma, uma mulher né? Ser uma mulher. E a gente descrever uma mulher não tem palavras. A mulher hoje, né, é uma prefeita, uma presidente, mermã eu não sei nem falar, o que é que é uma mulher. Pra mim é um, maravilhoso, né. Eu me sinto assim, como eu posso dizer, pode parar aí? [...] Eu sou mãe, Deus me deu o privilégio de ser mãe, né, sou dona de casa, mãe de família, esposa e tudo que Deus me permitir tô aqui pra, pra fazer, né? Então na luta. Por que, eu me vejo assim,

³ Entrevista Betania, Chapadinha/MA, 29/07/2024.

⁴ Entrevista Francineide, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

porque eu já passei por muita coisa, e hoje eu estou aqui de pé e creio que sou guerreira, porque Deus me colocou aqui, eu sempre falo que Deus me colocou aqui na terra não foi por acaso que tudo pra Ele tem um proposito e estou aqui com uma missão e essa missão eu quero cumprir, né? Como mãe, primeiro lugar, né? Que mãe já sabe, né? E esposa, filha, dona de casa, amiga do que que vier pela frente. Quero passar, né? E vencer né? E tamo por aqui. (Terezinha, 2024)⁵.

Nas falas de Francineide e Terezinha, há a presença das vozes eco (Vergutz, 2021), embora na primeira se tenha uma concepção mais ampla e dê espaço para realização de propósitos pessoais, estes são condicionados à “vontade divina”, como se o seu papel fosse de aceitar os “desígnios de Deus”. Salienta-se que conforme, Freire (1996), a intenção é desafiar e mobilizar as mulheres de forma que realizem uma reflexão crítica acerca da violência e negligência social que estão sendo vítimas, e que esta situação não é um fim que deve ser aceito pela “vontade Deus,” de forma que haja o reconhecimento dos seus saberes e fazeres por elas, como sujeitos que possuem espaço para sua participação ativa. Aqui identifiquei, o saber fazer, saber da prática, saber da experiência feito (Freire, 1976), saber da maternidade (Paixão; Eggert, 2014), saber do lar. O segundo questionamento se referiu à presença da escola na vida e sua importância, bem como aos saberes adquiridos a partir da escola e da vida. Como respostas foi obtido que:

Sinceramente, as escolas que eu estudei na minha infância, eu acho assim, pra hoje em dia, não era nem escola, era muito fraco, hoje em dia mudou muito, as crianças hoje em dia tem tudo pra se tornar, pra aprender mais, com qualidade, tem material, naquele tempo quando eu ia para a escola só tinha uma cartilhinha que, aquela que tinha uma mulher na frente, um ABC, a gente não desenvolvia muito, a gente ficava assim, o tempo todinho batendo no B.A.B.A e não desenvolvia, na mesma coisa, aquilo ali desestimulava muito, a gente. Hoje em dia não, eu acho que está muito melhor, muito mais fácil para a criança aprender, só não aprende quem não quer. Com a vida, essa que é pesada, essa a gente aprende na marra, a gente tem que aprender, porque vem muitos altos e baixos e aí você tem que encarar os desafios e a gente tem que aprender, na marra, mas a gente aprende, porque todo dia é um desafio, todo dia você tem que encarar o dia, e a vida é assim, se não, não anda, não pode ficar achando que é mil maravilha porque não é não, você tem que encarar. (Betania, 2024)⁶.

Cada uma das mulheres possui uma visão diferente acerca da importância da escola no período em que estudaram, período este marcado por dificuldades tanto de deslocamento até as escolas, quanto de permanecer estudando, das três apenas Terezinha, não concluiu a educação básica, mas após a participação no Atelier sente o desejo de retomar os estudos (Diário de Campo, 2024, p. 30).

Não, a minha escola foi assim: Eu não fui aquela, aquela pessoa de ser bem estudiosa, não tem? eu não fui muito estudiosa não. Hoje eu penso assim se fosse pra mim

⁵ Entrevista Terezinha, Chapadinha/MA, 31/07/2024.

⁶ Entrevista Betania, Chapadinha/MA, 29/07/2024.

estudar eu não queria mais, porque estudo não é pra todo mundo não. Que ninguém gosta né? Não é todos que gosta de estudar, então eu estudei no Raimundo Bacelar, foi, aquele ali eu não vou dizer que eu não aprendi quase nada, porque logo eu estudava a noite e eu só vivia dormindo. Eu aprendi um pouco, entendeu? Mas assim a paciência era pouca, hoje era pra mim ter a faculdade né? Mas eu não quis também. Na vida, assim minha vida foi muito complicada, entendeu? hoje eu, eu batalhei, eu batalhei muito com a minha vida, pra ver se eu adquiria uma, algo melhor pra mim, pra minha vida, entendeu? Como eu consegui. Consegui arranjar um marido muito bom porque eu, minha vida era assim um pouco de sofrimento, nas casas alheias, entendeu? Aí aquilo ali pra mim, não era bom. A minha vida não era bom não. Nunca foi. Na, nem na minha infância. Nas casa alheia não é bom. Por isso que eu estou dizendo, minha vida foi muito complicada. Pois é, eu morava com minha avó, e ela era daquelas avós muito rígidas entendeu? Daquelas antigas, pois é. Não sei como deixou eu estudar ainda a noite, porque eu não podia nem sentar na calçada (risos) pois é. Eu tinha hora pra chegar e se eu passasse daquele horário, para ela eu já estava fazendo coisa errada, entendeu? (Francideide, 2024)⁷.

O que revelam ainda é importância do/a professor/a e a presença deste na vida de seus filhos em uma época mais atual, destaca-se que “Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de “experiência feito” para ser de experiência narrada ou transmitida.” (Freire, 1978, p. 38), desta forma, o/a educador/a que ousa ensinar visando uma prática de libertação por meio do conhecimento e da possibilidade de construção de reflexões mediados pelo diálogo, estimula os seus alunos a superarem os saberes da experiência feito, a fim de se tornarem saberes da experiência vividos e pronunciados.

A escola, a escola é uma coisa muito, é mermã, a gente ir falar da escola é um aprendizado, que as pessoas dizem que a primeira escola é em casa, mas Deus colocou as pessoas para nos ensinar como professor, sempre, eu não sei descrever um professor né. Eu sempre falo assim, para os meus filhos, porque professor, professora é mãe, é tudo né, porque até a paciência pra lutar com os filhos dos outros, tem aquela paciência toda é muito importante. Então o nosso primeira de todas as atividades são importante, mas eu acho que o professor é o mais importante, porque de tudo você tem que passar pelo professor, né? E a escola foi uma benção, né? Aprendi ler pouco, não sei muita coisa, mas e o pouco que eu aprendi foi na escola, né? Foi na escola com muita dificuldade naquela época que minha mãe veio pra cá, a gente não tinha casa, essas coisa toda, mas mãe nunca deixou, né? De colocar na escola e eu aprendi pouquinho mas ainda hoje né? A primeira escola que eu estudei foi, acho que a Bernarda Portela, tá lá os meus filhos já estudou lá, todos os três. Hoje está aqui, também estudei no Almada Lima e ainda hoje faz presente, pois ainda hoje tenho filho lá e ai, meus professores tem alguns que já foram meus professores e hoje são professores dos meus filhos e nem sei se vai ser dos meus netos também. Então tá tô participando né? Da escola. Com certeza. Aí então. A vida ensina muita coisa né. Aprendi muita, sei nem descrever muita coisa que eu aprendi, né? E só dividiram tá? E nunca desistir, né? Esse aqui é o, o lema pra gente, né? Nunca desistir de algo que a gente é, quer ir em busca e conseguir, né então falar de de tanta coisa que isso é importante, vai caber aqui, né? E aí tamo aí na luta, me sinto uma vencedora, né? (Terezinha, 2024)⁸.

⁷ Entrevista Francineide, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

⁸ Entrevista Terezinha, Chapadinha/MA, 31/07/2024.

Todas as mulheres entrevistadas, possuem trajetórias de vida marcadas por luta e superação e reconhecem que a vida foi difícil e que ela ensina, reforçando que embora inseridas em contextos difíceis, reconhecem a sua superação e força e ter conseguido melhorar. Destaco, outro ponto explorado por Francineide (2024), que precisou estudar a noite e durante o dia cuidava das atividades domésticas, e viu como sorte ter encontrado um homem “bom”, este que segundo ela a proíbe de trabalhar, após ser indagada, caso quisesse trabalhar:

Assim, porque ele não deixa. Ele disse não, pra você sair de casa para ir trabalhar em outro lugar assim, não deixo não. E eu disse assim: pois então você vai pagar pra mim, se um dia eu arranjar um serviço pra mim, você vai pagar o que eu ganho no lugar no serviço você vai passar pra mim. (Francineide, 2024)⁹.

E quando indagada se gostaria de trabalhar, relatou “Sim, demais” (Francineide, 2024). E quando questionada, sobre o trabalho que desenvolviam no Atelier, onde recebiam por suas produções, se ele poderia ser considerado um trabalho, ela respondeu que:

Isso, como a irmã Santinha até falou, porque ia chegar um período que a gente ia ficar divididas, nós mesmos, as nossas amigas, dividir os horários. Vamos supor hoje, fosse eu a tarde, era a tarde todinha, aí a tarde aquela tarde todinha aí no outro dia ia ser outra pessoa a tarde todinha ela queria dividir assim se nós concordavam entendeu? Mas só que ainda não chegou esse período entendeu? Ainda não chegou a esse ponto de nós ficar assim não. [...] Ah, gostei de mais, até porque ele fica dizendo assim: ah não compensa você pegar a rede- porque eu já tô a bem um mês com a rede, porque demora muito- aí ele diz assim: não pra você pegar uma rede pra você ter um ganho mais um pouquinho você tem que pegar duas redes por pelo menos um mês, entendeu? Porque tem mais aqueles lucrozinhos. Mas eu estou demorando. (Francineide, 2024)¹⁰.

Como pontua Freire (1978, p. 42) “Quando, porém, por um motivo qualquer, os homens se sentem proibidos de atuar, quando se descobrem incapazes de usar suas faculdades, sofrem.” A abdicação dos interesses pessoais em detrimento de terceiros, reforça a opressão sofrida por mulheres, que deixam de realizar e satisfazer seus desejos por considerar antes delas os seus maridos, filhos entre outros.

Desta forma, dando sequência foi questionado a elas sobre como cada uma chegou até o projeto e como ele tem influenciado em suas vidas. Como resposta obtive que:

Eu já conhecia o trabalho deles, né, do Manin do Real Brasil, porque faz muitos anos, a doze, treze anos atrás meu menino que hoje tem 23 anos, ele, quando eu cheguei aqui em 2011, 2012, ele, eu coloquei meu filho lá pra fazer informática, ele fez informática, o Manin botou ele pra fazer umas palestras, assistir o professor de inglês, ele chamou e mandou eu botar ele no inglês também. E eu sempre acreditei assim, nunca tive nenhum assim, nenhum problema, ah eu tenho que botar no particular lá porque eu não quero aí, não, aí eu já coloquei essa menor também, ela

⁹ Entrevista Francineida, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

¹⁰ Entrevista Francineide, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

faz lá algumas coisas, faz tudo o que tiver assim, eu vou colocando, até no balé, eu digo bota aí pra aprender alguma coisa. Ai quando veio a costura, ai eu me interessei pra mim, mas antes era só pra eles, ai depois quando surgiu esses novos projetos de rede e costura ai eu me interessei mais ainda, por que ai ia trazer beneficio pra mim também por que ai eu ia sair de casa, porque antes eu era muito, muito dentro de casa parada, vivia, quando eu fazia minhas coisas assim, eu vivia deitada naquela rede preocupada porque meus filhos moram em Brasilia e eu moro aqui, eles foram pra lá e moram lá e eu aqui, mas aquilo ali era muita coisa pra minha cabeça, vishe eu dei uma depressão tão profunda, que eu fiquei muito mal, porque quando eu ganhei ela (filha), eu fiquei com depressão porque ai, veio tudo assim, você começa a ver as coisas tudo de forma diferente, quando você tem novinha, que você tem filhos é uma coisa agora quando você vai parir uma criança com quarenta anos, muda tudo, começa vir decadência, você não tem mais emprego você só, o marido que trabalha, e aí você começa a pensar em tanta coisa, aí eu fiquei, eu fiquei mal, foi bem na época que meu filho teve que fazer o transplante aí teve que ir pra São Paulo, Sorocaba e meu marido começou a caminhar pra lá pra São Paulo, nós morando em Araisos, ai juntou a depressão pós parto, o problema da visão e ai eu fui ficando doente, quando eu me espantei não dava conta mais nem de falar, gaguejando e ansiosa, nossa eu fiquei no limite. Ai depois que eu fui ficando, eu já melhorei bastante depois que eu tô no Atelier, comecei me sentir assim mais tipo, com mais força, deixando mais aqueles pensamentos ruins assim, e ai a gente vai seguindo, por isso, que eu fui assim com mais assim para poder sair daquele, dá um passo pra frente. Eu acho assim, que mudou, a forma da gente achar que não é o limite, você vê o mundo mais longe, a luz está mais longe, porque antes você ficava assim, você não dava conta de ver tão longe. E você não tem, para as coisas que você quer não que impor limites, você não sabe, você tem que acreditar não é porque você já tá com cinquenta e tantos anos que você acha que já chegou no fim, eu acho assim, que as pessoas tem que, não importa a idade, tem que encarar tudo, que você vai conseguir, que você consegue. (Betania, 2024)¹¹.

A partir dos relatos, observei que as mulheres ansejavam por algo que as tirasse de casa e do sofrimento que as estava consumindo, na expectativa de que Deus as apresentasse algo “possível” e que se encaixasse na rotina de casa, mas que também as fizessem pensar em algo diferente e “ver uma luz no túnel” (Betania, 2024) luz esta até então nem sonhada.

Eu cheguei até lá, foi assim, porque eu ia até as Terras Duras (bairro) foi, pelo Manim, foi, ele me incentivando a levar minhas crianças pra irem estudar informática, e daquele ali botaram eu no grupo, né? E daquele ali, saiu, botando mensagem de costura, entendeu? Ai eu disse, eu vou me inscrever que é muito importante pra mim, entendeu? E assim eu fiz e ainda estou lá. O projeto ele é um, é um tipo assim, um, um esforço né? Que ajuda muito as pessoas. Aquelas pessoas ali que precisa muito de ajuda, assim de trabalha, de ter experiência, ele é muito bom o projeto. (Francineide, 2024)¹².

Sobre a espera da providência divina, ou justificativa para o que ocorre em suas vidas, é abordado por Castro e Eggert (2010, 08) que “a mulher mística, que está acostumada a estar de joelhos, esperando que a salvação dessa, que venha Do Outro, que venha de “fora”, que venha de um homem e não delas mesmas. A frase: “Foi Deus quem quis assim”, é muito ouvida

¹¹ Entrevista Betania, Chapadinho/MA, 29/07/2024.

¹² Entrevista Francineide, Chapadinho/MA, 30/07/2024.

no ateliê nesses momentos de incertezas.” A pesquisa realizada pelas autoras se insere em um ateliê de tecelagem.

Ah tem uma história, uma historinha, né? É eu tava passando por uma, uma fase aqui um pouco difícil, né? Vai de novo. (choro) Então eu pedia pra Deus, Senhor me dá alguma coisa para eu fazer, pra mim trabalhar e que seja algo que eu me relacione com pessoas né? Pra conversar, e eu sempre tava pedindo isso pra Deus né. E ficou, passou o tempo, um dia eu tava na casa da minha sobrinha que também faz parte do projeto, foi uma das primeiras, eu tava lá e ela me falou do projeto, do atelier, já tinha o Real Brasil a muito tempo, mas ela disse olha Teresinha, vai ter Corte Costura, e quiser entrar vai ser tal dia, nem lembro o dia que ela disse que ia, né? Já teve uma reunião e então quiser eu te coloco no grupo, aí já foi pegando o meu número, já foi colocando no grupo aí, meu Deus, né? Aí se então deu certinho do que eu tava pedindo, né? Pra Deus, aí só vai ser tal dia pra te ir, tá bom aí das aulas de costura ne. E aí eu vim pra cá. Chegou aqui, fui bem recebida graças a Deus, então sempre, falar da irmã Santinha é uma coisa que não tem palavras, não é? E ela me falava que ia ter o projeto das redes, né? Tava esperando a professora. Já tava esperando a professora e era a Gilmara, aí sempre eu, Gilmara, eu já vou falar nesse nome, eu conheço uma, nunca pensei, né? Que era ela, aí ela fica tal dia a Gilmara vem, que ela ensina né? Ela trabalha na escola aí chegou né? Aí chegou nossa professora de rede, de artesanato, aí a gente aprender né? Não sabia nem por onde começar alguma rede né? Então ela foi nas redes e falou que ia ter tal dia o projeto das redes e a gente ia começar, não deu certo eu vir no começo porque eu tinha uma viagem pra ir pra São Luís com minha filha que estava sendo a acompanhada por lá aí eu fui, mas quando aí foi o período que minha tia adoeceu também faleceu, aí não deu certo eu vir, né? Aí já cheguei já tinham começado as meninas já tavam aqui, mas no dia não tô lembrada se me falha a memória foi dia trinta, trinta e um de setembro por aqui por aí que eu cheguei até aqui e quando eu cheguei graças a Deus foi muito bem recebida, né? Me senti aqui em casa, né? Em casa. Então ela me passou, né? A rede ou falou como que era, muito dificuldade pra tirar a linha, meu Deus. Primeira vez pra tirar a linha foi bem difícil pra mim e foi indo, tava com a não é nem minha filha não, era filha da minha prima. Me ajudou até que foi indo conseguir, né? Tirei e consegui fazer a rede, muito gratificante, muito mesmo, dá muito trabalho, mas no final, né? É muito gratificante. Tem influenciado muita coisa, assim no caso de como eu tava em casa, né? Sem fazer nada, pedi algo pra Deus, ele me colocou até aqui e foi influência de de aprender, né? Cada dia mais aprender o artesanato me identifiquei muito, nas redes eh eu tô gostando muito, já fiz o quê? Três rede e com a ajuda também das meninas que se ajuda, né? Aqui mas é eu me identifiquei muito, foi uma coisa muito gratificante Gosto muito! (Terezinha, 2024)¹³.

Outro ponto relevante, é a participação tanto de Oseas Lopes (Manin), fundador da Associação Real Brasil e de Maria dos Santos (Irmã Santinha) presidente da Associação, ambos irmãos e que juntos se engajam em incentivar a participação da família nas atividades promovidas. E em todas as falas foram apontados como incentivadores e motivadores da participação delas no projeto direta ou indiretamente, bem como a relação que sua família já possui com a Associação Real Brasil. O que demonstra a relevância social da Associação Real Brasil, no sentido de estimular a participação da comunidade e de ajudá-la a desenvolver habilidades que os ajudem

¹³ Entrevista Terezinha, Chapadinha/MA, 31/07/2024.

3.2 Saberes da experiência das mulheres

Dando sequência, no bloco dois, investigou-se sobre os saberes da experiência das mulheres em um contexto de educação não escolar, buscando a partir disso descrever como os saberes se manifestaram na/durante a produção de redes. Inicialmente, foi solicitado que elas descrevessem sua rotina no projeto, desde a sua organização para sair de cada, chegar no projeto, as atividades realizadas no projeto e chegada em casa. Como resposta obtive que:

A nossa rotina era assim, era uma vez por semana dia de terça-feira a noite, e aí a gente, terça-feira só a noite essa aula de rede, no caso as roupas normal é na quinta-feira a tarde e aí a gente já ficava se preparando, já arruma tudo pra chegar aquele horário você, já deixar a janta pronta e você ir tranquila, chegar lá era duas horas, ali a gente já escolhia o tecido que a gente queria, pegava logo e já começava logo a fazer as marcações na rede e já começava a desfiar e tal e trazia o tecido pra casa e fazia em casa e depois ia fazendo, porque cada um é um processo e demora não é rápido, não é ligeirinho não você fazer o desfiado da rede demora, depois vem o mamucabo e depois vem os punhos e depois, é várias etapas para você concluir o processo. Bem, e aí, era assim, ia e ficava duas horas com a professora e aquela rede, aquele rede fica pra lá e pra cá, ia pra lá levava, vinha pra cá trazia, que era pra gente adiantar o serviço em casa quando tivesse de folga. Quando tiver livre do serviço e é isso. Sempre na hora que termino de fazer minhas coisas, tem uma cadeirinha ali, aí a rede já fica bem aqui em cima de uma cadeira, e na hora que eu termino ali, eu sento já vou fazer o processo. Todo dia, cê não pode parar porque se você parar o prazo para você terminar é muito longo, você tem que ter aquele ritmo acelerado, pra você começar e terminar. Porque se você começar bem devagar aí o bicho pega, porque aí você fica com preguiça, fica achando tudo muito difícil por que são várias coisas, tem várias etapas. Aí se você, nossa, se você ficar enrolando, quando você chegar na próxima aula, as outras estão tudo na frente, você já ficou pra trás, oh muito, então você não pode parar. (Betania, 2024)¹⁴.

A partir das respostas, observa-se que as mulheres, organizam os afazeres domésticos com antecedência para participar do projeto, que quando levam a rede para suas casas, organizam o tempo para poderem continuar o processo e suas atividades, ocorrem após as tarefas domésticas.

Assim, o nosso, a nossa rotina lá do projeto lá de costura. Assim nós temos muitas amiga lá, uma não sabe, não está sabendo como é, aí pede ajuda de outro. Aquela ali já vai ajudando uma a outra entendeu? Aquele dali é um motivo muito bom, pra gente, as redes pro exemplo, as redes, se uma não sabe fazer o mamocabe, pede ajuda de outra, o punho, pede ajuda da outra amiga, não é todo que encaixa na sua cabeça, entendeu, eu se eu for fazer, eu não sei se eu acerto sozinha o punho, mas o mamocabe eu acerto fazer. [...] Ah de vez eu deixo assim, eu não eu deixo minha casa assim meio, minha menina me ajuda um pouquinho entendeu? Só digo, não eu vou ali no Atelier não sei a hora que eu chego, entendeu. Mas tem que deixar organizado as coisas. As vezes o marido reclama que, até pelo almoço, entendeu, que já almoça fora de hora. Porque é assim, o que nós trás pra cá só para desfiar, o restante a gente leva pra lá, porque lá que há os outros processos né, aqui não tem, aí tudo tem que fazer lá. [...] Eu faço assim, durante o dia não, durante a noite, porque é o tempo que a gente tem é durante a noite né, que somos donas de casa. Aí nós faz mais é a noite, eu por

¹⁴ Entrevista Betania, Chapadinho/MA, 29/07/2024.

exemplo é noite, durante a noite, pois é. [...] uma noite fazia um pouquinho, na outra um pouquinho, e é assim. (Francineide, 2024)¹⁵.

Conforme, apontado por Castro e Eggert (2010) homens e mulheres, de acordo com a cultura em que estão inserido são ensinados a serem conforme os seus pais e as pessoas de seu ciclo foram “Seguindo esta idéia, somos ensinados/as desde a infância como devemos ser meninas e meninos e nos portarmos, como homens ou mulheres, para sermos socialmente aceitos” (2010, p. 2). Destaca-se que tanto Betania quanto Terezinha levam suas filhas para o Atelier e estas as ajudam em casa a continuar o processo, principalmente nas etapas que exigem mais de uma pessoa.

Minha rotina é assim, porque aqui é dia de terça-feira seis horas, né? Da tarde até as oito horas da noite, então é normal rotina de casa, as vezes deixa a janta feita, as vezes não, chega lá a gente faz alguma coisa e vem pra cá, chegando aqui a gente se sente em casa, aqui o Atelier é uma, é simples sim, simples mas é uma coisa que pra mim é muito gratificante né? Então chegando aqui com as meninas a gente se identifica graças a Deus todas né? A gente nunca teve nenhuma discussão, nenhuma, e então chegamos aqui tem bate-papo tem várias conversas, várias coisas, e a rotina é isso saímos, fazemos nosso trabalho aqui pra fazer junto com a Gilmara, Gilmara é uma pessoa excelente que não tenho nem palavras, né? Pra falar, uma pessoa muito, é paciente, é ensina mesmo um chama pra um lado, o outro chama pra outro e ela sempre ali, com alegre né? E muito bom, muito bom mesmo, só mesmo de agradecer té. [...] no tempo livre, a gente faz as coisas, logo no começo era, tava ali, queria era terminar as coisa logo, pra gente já sentar e já fazer né? Eu faço as coisas durante o dia né? Sabe que dona de casa é uma correria né? Então, eu sempre na parte da tarde, na parte da tardem, eu sentava ali e ia começar minha rotina com a rede e até entrava a noite também pra fazer né? A rede, e botava minha filha também pra ajudar e ajudava também. Porque é um procedimento que dá trabalho pra fazer, tem que eu ter disposição, dá trabalho, mas é uma coisa que eu me identifiquei muito, e gosto muito de fazer. (Terezinha, 2024)¹⁶.

As mulheres também se organizam para ir em outros horários para utilizar as peças ou máquinas para completar algum dos processos. Sempre reforçaram em suas falas a cumplicidade que as integrantes do projeto possuem, sem apresentar desentendimentos, o que para elas facilita o trabalho, que são amigas e que sempre que sempre conversam. Reforçaram, ainda a presença da educada Gilmara, sobre sua paciência com as artesãs. Na sequência foi questionado sobre o que seria necessário saber para produzir uma rede, no geral e em cada etapa. Sobre isso responderam que:

Pra fazer uma rede boa de qualidade, a gente tem que saber escolher um tecido bom, a gente tem que ter habilidade com a costura reta na máquina que você precisa fazer essa costura na rede, além da, da manual, você tem também que ter o processo na máquina e saber escolher o tecido e linhas, tudo tem que ter boa qualidade, do material, pra ter uma vida longa, porque tem rede ruim que qualquer coisinha, parte

¹⁵ Entrevista Francineide, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

¹⁶ Entrevista Terezinha, Chapadinha/MA, 31/07/2024.

no meio, aí tudo isso a gente vai, quando a gente vai começando a entender a gente vai vendo os tecido melhor, a gente vai vendo a linha, tudo isso. Vai aprendendo aos poucos, depois você tem que criar um meio de você vender. Porque só fazer as redes e num ter uma divulgação do trabalho aquela rede vai ficar no, no, tem que vender, quando a gente pega um matéria, a gente já sabe que tem uma encomenda. Aparece uma encomenda da pessoa, olha eu quero essa rede aí, essa rede aí é minha. Aí você tem que caprichar mesmo, porque cadê dia você tem que melhorar mais. A primeira sai um pouco assim torta, mas a segunda e depois vai melhorando. (Betania, 2024)¹⁷.

É assim, pra mim conseguir fazer uma rede eu faço. Eu já botei na minha cabeça se eu for pegar uma sozinha, eu faço. Entendeu? Como eu estou com uma aqui, que eu estou fazendo sozinha. Eu ainda não pedi a opinião de ninguém. Não. Pois é, ela estava toda enlinhavadinha, só falta a costura, aí depois eu vou fazer as trancinhas e eu estou esperando que eu dou conta eu sozinha, entendeu? Pois é. Sem a opinião de ninguém da minha... da Gilmara, das outras menina e eu quero que. Eu me sinto bem, sei bem nessa rede. Ah primeiro que que é assim. Primeiro passo tem que ir saber mesmo, como é no primeiro passo tem que ser logo o desfiamento. Esse daí é o principal. Aí ela diz: ah não sei desfiar. A coisa mais fácil que tem é desfiar, entendeu? É ruim é no começo pra puxar o primeiro fio. Mas puxando primeiro aí o resto é tudo. Vai fazendo. (Francineide, 2024)¹⁸.

Primeiro é ter a disposição né, porque não é fácil não, saber é uma coisa simples né? É difícil, mas não é tão assim, pra dizer que a gente não consegue não é? O que é, a rede, como é que diz, o procedimento com a rede, o que a gente pega, tem que saber um pouco de costura né? Uma coisinha que eu não peguei ainda, mas tem que saber a costura né? Porque tem que saber também é, tirar as medidas tudo direitinho é vem, começa do desfiar né? Do desfiar da rede, aí depois do desfiar aí a gente vai costurar pra fazer as tranças e tem que ter um pouco de saberes na parte do artesanato porque tudo isso daí inclui o artesanato, né é uma coisa que eu, que eu acho que foi o comecinho da, eu fazia muita coisinha em casa sobre isso daí, mas sempre rede num, nunca tinha feito né? Não sabia nem por onde começar né, mas também tem essas peças do mamucabo, que é uma coisa que a primeira vez que eu vi, eu fiquei impressionada, como ne? Que fazia aquilo dali ne? Meu Deus como é que é, que eu imaginava de um jeito muito diferente e chegando aqui já é uma coisa que a gente vai fazendo ali e já vai se formando a peça da rede e é muito gratificante. (Terezinha, 2024)¹⁹.

A partir das repostas e junto com as artesãs individualmente, foi construído um quadro inspirado nas cadernetas agroecológicas, visando destacar as atividades desenvolvidas em cada etapa da produção das redes e os saberes mobilizados para cada um deles, bem como os locais de produção e duração de cada etapa, conforme descrito abaixo:

QUADRO 7- Quadro de Saberes

Artesã	Local	Atividade	Tempo de realização	Saberes Necessários para a sua realização
Maria Betania Lopes Sobrinho	Loja	Escolha do Tecido	Uma tarde	Saber a qualidade das peças
	Atelier/Casa	Desfiado	Uma semana	Habilidade de desfiar, organizar o tempo, uma hora toda tarde

¹⁷ Entrevista Betania, Chapadinha/MA, 29/07/2024.

¹⁸ Entrevista Francineide, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

¹⁹ Entrevista Terezinha, Chapadinha/MA, 31/07/2024.

	Atelier	Trança	Uma semana	Atenção e organização
	Atelier	Caseado	Três dias	Habilidade com agulha e linha
	Atelier	Acabamento	1 hora	Saber costurar
	Atelier	Mamucabo	Dois dias	Saber usar bem as mãos e os pés ao mesmo tempo
	Atelier	Punhos	Uma hora	Usar a máquina
	Atelier	Colocar os punhos na rede	Uma hora	Usar a máquina, esticar bem e deixar bem duro
Terezinha Alves Pereira	Atelier	Medir o tecido para desfiar	1 hora	Saber os tamanhos
	Atelier/casa	Desfiado	2 semanas	Precisa ter técnica, puxar o fio
	Atelier	Costurar/Embanhar	2 horas (uma começa e a outra termina)	Saber costurar
	Atelier/casa	Trança	3 dias um lado	Ter a técnica (dois tipos, uma de quatro e outra de cinco) saber mexer com os dedos
	Atelier/casa	Caseado	Uma semana	Usar linha de crochê e agulha
	Atelier	Mamucabo	Dois dias	Saber usar a peça (tear) saber usar a perna e mão, a mente, atenção para não errar
	Atelier	Punhos	30 minutos a 1 hora	Fazer os punhos com a linha de crochê usando a peça
	Atelier	Empunhar a rede	1 hora	Usar a peça, bom de duas pessoas
Francineide de Oliveira Aguiar	Atelier	Medir	1 hora	Entender de medidas, podendo usar 4 dedos ou a régua
	Atelier/Casa	Desfiar	1 semana	Tem que usar um alfinete
	Atelier	Costurar	1 hora	Saber costurar
	Atelier/Casa	Trança	1 semana	Tem que ser tudo igual ou fazer de quatro dedod ou cinco
	Atelier	Mamucabo	2 dias	Saber colocar o fio certinho, fazer reto, pedalar
	Atelier	Fazer os punhos	1 hora	Saber usar a máquina, precisa de ajuda
	Atelier	Terminar com os punhos	1 hora	Usar a máquina, esse é o mais rápido

Fonte: Autora (2024).

Sobre os saberes necessários para a produção das redes, primeiro é presente o saber fazer, este é construído ao longo do curso, segundo o saber da experiência, este construído a partir da confecção de outras redes e que desenvolve habilidades técnicas e habilidades subjetivas. Terceiro o saber técnico, este para utilização das peças/máquinas que requerem

habilidades específicas para manuseio adequado. Outro saber apontado é o saber da consciência corporal, tendo em vista que na produção há a necessidade uma coordenação motora bem desenvolvida. Um saber destacado pela artesã Terezinha, é o saber do artesanato. Durante a construção no quadro, que ocorreu após a finalização da entrevista, as mulheres frequentemente buscavam em sua memória o que fizeram em cada um desses passos, lembrando o processo de ensino aprendizagem no início do projeto. Destacando, novamente a educadora Gilmara e o companheirismo como primordial para que elas tivessem sucesso, bem como a possibilidade de ir para o atelier em horários diversos. Na sequência, foi indagado à elas sobre o que aprenderam nesse tempo em que estão no projeto, com quem e como aprenderam.

Eu aprendi com a professora Gilmara, a nossa professora, a nossa orientadora lá, que ela que faz, ela ensina, ela ensina a fazer todas as etapas é ela e Gilmara o nome dela e cada dia que passa a gente vai aprendendo. Ela também já num sabia de costura e ela mesmo já aprendeu também, ela já aprendeu com a gente. Porque ela, ela sabe fazer a rede, mas não sabe fazer uma roupa e agora não, ela já tá aprendendo, passa o serviço da rede e já aprende com outra professora a roupa e tudo a gente vai pegando o serviço de uma e vai pegando. (Betania, 2024)²⁰.

Discutir e falar sobre os seus saberes, principalmente aqueles que transcendessem o que lhes era ensinado, pareceu ser um desafio. Embora elas se constituam mulheres que possuem saberes próprios e que construíram saberes de forma coletiva, falar sobre estes pareceu complexo.

Aprendi sim. Porque tipo assim se eu não tivesse desenvolvido nem um pouquinho, eu já tinha desistido, entendeu? Já. Então, eu vejo que eu já costuro um pouquinho, corto um pouquinho, entendeu? Aí eu não, aí aquilo ali já é uma animação pra gente. Porque a gente em casa fica ali parada, aí a gente indo para o Atelier já é uma alegria pra gente. Aprendi, se pedir opinião pra mim, eu só indico as redes, como que vai o processo das redes, aí eu indico, se perguntar se eu pego alguma rede pra fazer pra alguém aí já encomenda, entendeu? Aí isso aí eu já me garanto. (Francineide, 2024)²¹.

Insta salientar o disposto por Vergutz (2021, p. 229) “Silenciam porque não se enxergam como sujeitos de conhecimentos já que não compreendem que os trabalhos que elas realizam são conhecimentos, o que é reforçado tanto pelo não reconhecimento da sociedade em geral como dos sujeitos que são atingidos na produção deste conhecimento”. Então embora em outras perguntas elas destaquem saberes e aprendizados de forma despreziosa, ao ser questionado diretamente elas fixam apenas na produção da rede.

Amizade, né? Que é muito bom, aqui, foi uma coisa muito bom, aprendi ne? Aumentei meu ciclo de amizade, uma parceria com as meninas. Que a gente não só se reúne, a gente se une né? Pra gente fazer nossas atividade aqui, ne? Junto com as menina da

²⁰ Entrevista Betania, Chapadinha/MA, 29/07/2024.

²¹ Entrevista Francineide, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

rede, aprendi. É muito gratificante, chegar aquele momento da gente se ajuntar aqui e fazer né? Dialogar juntas, ne? E falar do nosso dia a dia, que todas aqui são mães e a gente conversa e é muito bom né? E como quem eu aprendi foi com a professora Gilmara, foi essa, é nossa líder né? Pra mim foi uma pessoa que acolheu aqui, sempre a gente juntas, algumas coisas aqui do atelier, a gente se identificou pra gente tá junta né? E todas as meninas que tão aqui a gente, ne? Se ajuda, não é dizer que essa aqui não faz parte, não. Todas fazem parte e é uma amizade que eu acho que a gente vai levar para o resto da vida. Mesmo muito gratificante. (Terezinha, 2024)²²

Com relação a como aprendem, apontaram que aprendem com a educadora e com as colegas, explicando que o processo ocorre tanto presencialmente quanto por meio de conversas no whatsapp por meio de ligações ou envio de vídeos contendo os passos a seguir. Neste ponto Terezinha, apontou sobre aprender a dialogar e sobre como isso é gratificante. Foi indagado a elas se também ensinavam, o que e quem aprende com elas. Sobre isto, responderam que:

Ensino bastante, eu gosto das minhas colegas assim, não tem o que reclamar de mim não. Quando pede ajuda eu já tô ali pra ensinar. É, porque eu não vou querer um conhecimento só pra mim, eu dá pra elas também, ensinar, ajudar na hora que precisa e faz o serviço assim coletivo, porque uma ajuda a outra, as vezes a outra não lembra daquele detalhezinho. Ai a outra vem, opa é assim a gente termina, vai ficando mais independente. Se junta pra concluir o serviço. (Betania, 2024)²³.

Tanto Betânia quanto Terezinha, reconhecem que ensinam, demonstraram a ideia de compartilhar o que aprenderam com suas colegas. Enquanto Francineide, inicialmente se mostrou receosa em considerar que também ensinava suas colegas, sobre isto “As mulheres se movem no mundo da vida cotidiana pelo e com o “saber da experiência feito”, e a partir dele realizam o movimento da prática e da teoria na reprodução e garantia da vida, mas silenciam sobre isto”. (Vergutz, 2021, p. 229).

Não. Não isso não. Não. Não chega a esse ponto ainda não. Não. As vezes eu pedia era a opinião do outro, entendeu? Porque é assim, eu não sou aquela pessoa muito de pegar as coisas rápido. Não. Demora. Tem que ser tipo com aquela paciência porque logo eu ficava agoniada. As vezes tu consegue vim sozinho. Ai aquele dali eu ia ficar tranquila. Ai eu desistia entendeu? Eu era assim. Ai voltava. Porque eu achava assim, não eu acho que não to ensinando certo não. Ai eu via que as outras era mais ativa que eu, entendeu? Ai por isso, que eu nem dava a opinião entendeu? Ah das redes eu ajudava, das redes eu entendo mais do que da costura. Tão Tal que a primeira rede, eu peguei uma, ai eu já, nós formamos o grupo, né, de duas pessoas, e aí a que eu tava eu já passei pra a colega minha, a que eu já estava passando como o processo ocorria. (Francineide, 2024)²⁴.

Essa resistência de conceber os seus saberes como relevantes e pronunciáveis, refletem a inserção em uma cultura patriarcal, mesmo com direitos iguais, homens e mulheres no contexto onde elas estão inseridas, ocupam espaços diferentes em casa. Mesmo que a cultura

²² Entrevista Terezinha, Chapadinho/MA, 31/07/2024.

²³ Entrevista Betania, Chapadinho/MA, 29/07/2024.

²⁴ Entrevista Francineide, Chapadinho/MA, 30/07/2024.

conforme aponta Brandão (2009) “[...] abarca tudo o que o ser humano e o seu trabalho realizam no mundo, ao transformarem a natureza e atribuírem significados ao que fazem e ao próprio ato criador de fazer, de criar, de transformar.

Ensino as coisas que, as vezes a gente esquece ne? A gente esquece, e as meninas, ah tu lembra daqui da, como é que é das trancinhas né? Eu já recebi ligação, Terezinha eu não estou conseguindo as trancinhas, tu tá sabendo como é que é, manda um vídeozinho ne? Mandava pra elas, elas ah agora tô lembrando. Assim no começo foi assim sempre a gente se ajudando, na hora do Mamucabo também e ai essa é o tipo de. O pouco que eu sei que no momento as meninas não tão lembrando, ai a gente vai e se ajuda. As vezes ela, uma lembra de uma coisa, outra lembra de outra e assim vai. (Terezinha, 2024)²⁵.

O processo social de criação de cultura é o que atribui ao ser humano a possibilidade de afirmar-se como um ser com consciência a respeito do seu saber” ainda há uma caminhada lenta à construção da consciência emancipatória das mulheres. Foi indagado à elas, sobre que tem aprendido, além de produzir as redes.

Além das redes, tem a costura, só que é na quinta-feira. E a gente vai cada dia que passa, a gente vai desenvolvendo mais, criar uma peça, antes quando a gente não tem noção das coisas, a gente acha tudo, ishe difícil fazer uma coisa assim, cortar, cortar é a parte mais difícil, porque o medo impede que a gente faz as coisas. (Betania, 2024)²⁶.

A partir destas respostas, observou-se que tanto Betania quanto Francineide, apresentam ideias relacionadas aos saber técnicos apreendidos no outro curso, então suas repostas refletiram os saberes referentes às etapas de corte e costura. Conforme Vergutz (2021), esses silêncios são reflexo da inserção em um contexto opressor.

Ai eu aprendi um pouquinho de cada, tipo de corte eu comecei a cortei em bermuda. Um vestido que eu nunca terminei de costurar e certo que eu vou aprendendo aos poucos. Aos pouco mesmo que ninguém aprende tudo de uma vez. Não aprende. A rede foi com a Gilmara e o corte e costura foi com a Leleia. Assim, como que a gente aprendeu foi assim? A gente foi nos primeiro dia a gente foi só observar como era entendeu? Aí ela dá explicação, aí lá a gente ia costurar, depois que ela passou pro corte, entendeu? Aí e aí a gente botava pra nós costurar, era assim. (Francineide, 2024)²⁷.

Desta forma, reforça-se o que afirma Freire (1978, p. 44) “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos

²⁵ Entrevista Terezinha, Chapadinha/MA, 31/07/2024.

²⁶ Entrevista Betania, Chapadinha/MA, 29/07/2024.

²⁷ Entrevista Francineide, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

e em que os ‘argumentos de autoridade’ já, não valem.” Ou seja, no processo de ensino todos aprendem e crescem juntos.

Eu aprendi muita coisa né? A irmã Santinha logo me botou pra ajudar aqui, a anotar as coisa que tem, também tá comprando as coisas que precisa e aprender a me relacionar com as pessoas né? Sou muito, na hora de falar. Mas tô indo né? Tanto aprendendo o artesanato, a costura, a se relacionar com as pessoas né? É importante das pessoas que já veio pra cá, até a juíza já veio e amizade, em primeiro lugar a amizade, que a gente tá aí como eu já falei, a gente não se reúne mas se une. E aqui foi um laço que a gente fez e vai durar até Deus permitir, né? (Terezinha, 2024)²⁸.

Terezinha, apresentou que além da produção das redes aprendeu sobre amizade e sobre se relacionar com pessoas, fruto do incentivo da interação e motivação por parte do projeto, que a incentiva a ocupar novos espaços.

3.3 Aprender-ensinar, trocar e construir saberes

No bloco 3, buscou-se observar e analisar a presença e/ou a ausência da escuta e do diálogo na realização das atividades desenvolvidas no Ateliê de Costura e a sua importância na troca e construção de saberes. Desta forma, solicitou-se à elas considerando o que foi conversado durante a entrevista, que contassem sobre como é trabalhar em dupla e sobre o que vocês conversam durante a produção da rede.

Nossa, aí é, é muito, eu não tenho problema em conviver com as pessoas, eu tenho facilidade em lidar com as pessoas e a dupla você parece que fica assim, você se ajeita com aquela pessoa como se ela fosse uma irmã, você divide ali as tarefinhas e você se sente bem com aquela pessoa e você divide ali o processo do da da, da do serviço e você tem confiança naquela pessoa, é a mesma pessoa, confia na gente, entrega costura aqui, aí você faz aquela parte, a outra já vem você não fica criticando, ah não, ficou feio vamos desmanchar. Não gente. Ela vai respeitando cada, cada serviço que a pessoa faz a gente a gente valoriza aquela pessoa. Não fica dizendo que só ela que sabe, só a outra que sabe. Não. É assim. Nós conversa mais as coisas de lá, eu não gosto muito, até as vezes a gente fala né as coisas da vida da gente para o pessoal, as vezes fala de um filho, fala de outro, mas lá mesmo é muito pouco, a gente, o nosso negócio, o tempo é tão pouco que a gente tem que se ocupar naquilo dali, em fazer aquele trabalho. A gente tem um grupo no WhatsApp, tudo é naquele grupo, mas tem coisa que as vezes você quer opinar alguma coisa, pra você não colocar e não expor no grupo você pega e chama no privado tal mas assim nada de, de mais assim que você vai fazer uma, uma guerra ou qualquer coisa assim não graças a Deus não. (Betania, 2024)²⁹.

Nesta parte da pesquisa, evidencia-se a presença da escuta e do diálogo, uma vez que elas reconhecem que constroem juntas, que se identificam umas com as outras, tanto em dupla,

²⁸ Entrevista Terezinha, Chapadinha/MA, 31/07/2024.

²⁹ Entrevista Betania, Chapadinha/MA, 29/07/2024.

quanto no coletivo. Apontam inclusive, sobre o respeito à opinião uma das outras, algumas atribuindo uma relação de irmandade. Relatando que conversam, principalmente sobre as redes, mas que também conversam sobre a vida, sobre os filhos e a família. Frisando que “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1978. 44).

Nós conversava assim, nós fazia assim, não tá certo, ai ficava ficava, e a outra dava a opinião, eu acho que é assim. Aí não deu certo, ai lá nós fazia vídeo pra nossa professora Gilmara, aí lá ela dá explicação. É, vamos supor que ela trabalha na escola e nós ficava lá no ateliê, de lá nós fazia a chamada de vídeo pra ela. Ah, trabalhar com elas foi ótimo, porque ainda hoje nós continua, entendeu, ai se uma não está entendendo ai uma liga pra outra e assim é desse jeito. (Francineide, 2024)³⁰

Muito bom né? Como falou da dupla né? É uma coisa que a gente não trabalha só de dupla, a gente trabalha no grupo né? É um grupo, e é muito bom, a pessoa ter aquela pessoa que ajuda, de ter ali a conversa e se identificar uma com a outra né? A gente fala aqui sobre, é o dia a dia nosso, nosso dia a dia e é muito bom, é uma coisa maravilhoso, a gente se entender com uma outa pessoa é muito bom né? E aqui não é só uma pessoa, não é só uma dupla, ne? É um grupo, que todas se identificam juntas né? (Terezinha, 2024)³¹.

Desta forma, homens e mulheres se educam juntos em comunhão, e com o estabelecimento de um diálogo leve e fluido (Gadotti; Freire; Guimarães, 1995). Ao serem questionadas sobre como a sua participação no projeto tem influenciado sua vida e sobre o que ele significa quando nós pensamos em “saber” algo novo ou saber melhor sobre o que já se sabia. Com base nas indagações, elas responderam que:

Olha, o projeto, quando eu entrei, eu entrei um pouco assim devagar, não sabia se eu ia dá conta de desenvolver alguma coisa, mas ai depois cê vai pegando, ne', cê vai entendendo alguma coisa, cê vai conseguindo realizar, ai você vai se sentindo mais assim poderosa, você vai tendo assim, aquela, como é que se diz, aquela confiança, você vai tendo a quela confiança e vai te deixando assim mais confiante, mais segura entendeu. Hoje eu já tenho, eu não tenho assim, eu vou com todo prazer e eu gosto de fazer bem feito e o que eu faço eu tento dá o meu máximo, entendeu? Mesmo que não seja tão do máximo que as pessoas gostariam, mas assim eu acho que eu faço o meu melhor, entendeu? Ele significa, assim, uma, uma conquista, uma realização, porque a partir do momento que você quer e vai, e realiza, ai você se sente assim, é o primeiro passo, você querer e ir e chegar lá você ter todas essa oportunidade, ai você se sente muito, tipo assim, a gente consegue ter aquela conquista, consegui realizar, então se sente bem a gente se sente bem, A gente não se sente tão pra baixo, ah não consegui desisti, não eu tô sempre lá, eu vou de lá pra fazer o que em casa, em casa a gente faz as coisas. Deu deu, no outro dia é a mesma coisa e lá não se eu perdi uma aula, se eu perder um ensinamento, ali eu já fico perdendo, eu já fico pra trás e eu não posso perder, então pra mim só, só me levantou, tipo agente começa a ter um foco, cê tem que, cê vê aquela luz lá longe, é isso. Cé quer, criar, quer construir, quer fazer, aquela. Hoje em dia mesmo, rede, eu fiz quatro rede, eu comprei três, então eu tô fazendo, eu tô aprendendo e quero dá uma rede para cada um dos meus filhos, então aquilo dali invés de eu comprar uma rede com preço que o mercado oferece, eu já sei como é que funciona então eu vou comprar uma com um preço melhor e que eu ainda ganho minha comissão que é o meu serviço, que eu ganho ainda mais um desconto eu eu faço parte. E ai, eu tô conseguindo comprar minhas redes sem gastar tanto e

³⁰ Entrevista Francineide, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

³¹ Entrevista Terezinha, Chapadinha/MA, 31/07/2024.

fora as que eu já vendi, né. E daqui uns dias eu vou comprar as peças pra mim produzir pra poder vender, porque por enquanto eu trabalho só com os tecidos de lá. (Betania, 2024)³².

Não, não mudou nada não, só mudou um pouquinho aqui do meu aprendizagem, né? Que eu aprendi um pouquinho, aí daí mudou. Pois é. O projeto significa pra mim que é um projeto como eu falei, é um esforço, é um serviço. Que ele ajuda muito. Aí ele é também pra gente batalhar na, no esforço da gente adquirir alguma coisa. O projeto é esse. Sei, eu aprendi novas coisas. Conhecimento também, entendeu? É muito importante pra o reconhecimento do projeto, né? Ai eu aprendi um pouquinho de cada tipo de corte eu comecei a cortei em em bermuda só observar como era, entendeu? Aí ela dá explicação, aí lá a gente ia costurar, depois que ela passou pro corte, entendeu? Aí e aí a gente botava pra nós costurar, era assim, Não. Pediram a opinião do outro, entendeu? Porque é assim, eu num sou aquela pessoa muito de pegar coisas rápido. Uhum. Não. Demora. (Francineide, 2024)³³.

Com base nas repostas, compreende-se que inicialmente Francineide, não reconhecia a influência da participação no projeto em sua vida, mas ao longo da sua fala, observa-se uma mudança em relação a essa afirmação, pois aponta que aprendeu, construiu conhecimento e pretende permanecer nele.

Influenciou sim, como eu já falei eu tava passando por uma situação difícil, né. E cheguei até aqui e fui bem acolhida né? Graças a Deus, e as meninas como eu já falei, não teve nenhum tipo de discussão, foi uma coisa muito boa né? Que até aqui posso dizer que até agora, né? Que chegou no momento certo, porque a pessoa tá passando por um problema de ansiedade e eu cheguei até aqui no momento certo. E ele significa uma coisa muito gratificante, falar aqui do Atelier, do nosso Atelier, como eu já falei, por mais da simplicidade, foi uma coisa que Deus deixou pra nós, e eu gosto muito, me identifico muito, não tem palavras pra descrever, ne? Uma coisa que a gente juntas faz o Atelier acontecer né? Não só uma, mas várias, como um grupo e as coisas que a gente já produziu, são coisas simples, mas são muito gratificante. Já tivemos nossa primeira exposição, feita por, produzida pelas nossas mãos, foi uma benção. Teve o nosso curso, que teve, que a gente juntou mais ainda, só tenho muito a agradecer e aqui era uma festa, tanto da conversa, na união, tanto até no lanche, a gente fez um grupo. O atelier é uma como é que se diz, não sei nem dizer, as palavras que, fuge, a gente se identificou juntos, que é a parte das meninas, ai sempre que tem alguma coisa, a gente fazia aqui, a gente conversa e se junta e dá certo e faz acontecer e estamos ai. Além das redes, eu faço algumas compras, faço anotações, a irmã Santinha me colocou nessa, nessa coordenação e estamos ai. Pra tipo, uma coisa que precisa, a gente tá aqui e é isso aí. Eu faço o pagamento das artesãs, as vezes a Gilmaria. Além da gente aprender, a gente ainda ganha. Tem muita coisa, né? As redes, antes eu não sabia, agora eu sei, um pouco da costura, botar a linha na agulha. E também as anotações, conversar. Sempre tem muita coisa pra aprender. (Terezinha, 2024)³⁴.

Nas respostas de Betania e Terezinha, observa-se uma influência tanto nos aspectos educacionais, quanto em suas vidas, pois encontravam-se em situações de vulnerabilidade com transtornos de ansiedade e depressão, e o projeto as ajudou a sair desse quadro com a ajuda de suas colegas. Destaca-se ainda, a relevância que apresentam para as produções realizadas, que

³² Entrevista Betania, Chapadinha/MA, 29/07/2024.

³³ Entrevista Francineide, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

³⁴ Entrevista Terezinha, Chapadinha/MA, 31/07/2024.

tanto podem vender como comprar, bem como o pagamento que recebem através de seu trabalho, simbolizando uma conquista e algo “que Deus as entregou”. Na sequência, pediu-se a elas que olhassem para a sua trajetória de vida e da sua formação na escola, indagando-as se o “ser mulher” tem a mesma significação ou se havia modificado. Como respostas, obtive que:

Muda, porque cada etapa da vida a gente vai entendendo mais, a gente vai como é que se diz, a gente vai amadurecendo mais, cada etapa é uma evolução, porque quando você vai iniciando a tendência é você sempre ir melhorando em tudo. O que você fazia, hoje você não faz, né? Então cada dia é tipo você vai tendo mais muito mais capacidade, você vai tendo mais confiança e a gente vê que em casa não é só isso que agente tem que querer, a gente tem que crescer, a gente tem que procurar alguma coisa assim, pra gente evoluir assim, cada dia que passa né? Mulher não é só pra ficar em casa, não é só pra servi ao marido. A gente tem que correr, por que a gente que. Eu acho bonito a mulher independente, ter a sua liberdade, ter a sua autoconfiança, né? Não ficar só dependendo de, assim, ficar presa né? Ficar dependendo de uma pessoa, daquela, daquela rotina né? Eu acho assim que cada dia que passa a gente vai procurando melhorar mais, não ser, toda vida achar que é um padrão, que é uma coisa só. Não, a gente tem que saber que cada dia que passa a gente que tem que evoluir, crescer, ser mais exigente né? É isso. (Betania, 2024)³⁵.

A partir destas repostas, compreendi que a percepção de cada uma é bem singular, Francineide, apresenta uma indecisão a cerca dessa modificação, pois ainda possui algumas permanências, apresentando que houveram algumas modificações e que melhorou um pouco do que era, mas continua igual.

A mesma coisa. Continua a mesma coisa. Só que melhorou mais, a minha vida, Melhorou mais do que era, entendeu? Melhorou muito. (Francineide, 2024)³⁶.

Modificou, né? Que eu aprendi mais, estava em um momento difícil. E as vezes a gente tá passando por um momento difícil e a gente pensa assim só até eu vou, não sei mais, não mais o que aprender. E não, eu já aprendi mais, e tô caminhando pra mim ter uma profissão, pra mais na frente ter uma profissão e creio em Deus, que vai dá certo, Porque até o momento só em casa, cuidar de filho aquela coisa, porque aprender pra mim fazer alguma coisa e mais na frente ter uma profissão e continuar sendo mulher, né? (Terezinha, 2024)³⁷.

Para Terezinha, as mudanças, ocorreram principalmente no que se refere ao que aprendeu e respondeu que atualmente se sente caminhando para ter uma profissão. Enquanto Betania, relatou que houveram muitas mudanças, que percebe um amadurecimento ao longo de sua vida e que este a fez ter mais confiança, verbalizou que “Mulher não é só pra ficar em casa, não é só pra servir ao marido” (Betania, 2024), ou seja ela reconhece que a posição que a mulher deve ocupar e que espaços e contextos que a limitam não condizem com o real potencial da mulher.

³⁵ Entrevista Betania, Chapadinha/MA, 29/07/2024.

³⁶ Entrevista Francineide, Chapadinha/MA, 30/07/2024.

³⁷ Entrevista Terezinha, Chapadinha/MA, 31/07/2024.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento da pesquisa, ao longo dos 11 meses de observação participante no “Atelier Costura da Vida”, eu pude constatar algumas aproximações e estranhamentos como pesquisadora e mulher, identificando os fios invisíveis que conectam os saberes da experiência ao longo de suas práticas de vida e da escola. Eu busquei compreender como o diálogo e a escuta se manifestam nas atividades de produção de redes e como se relacionam com os saberes da experiência entre as mulheres que integram o projeto “ATELIER COSTURA DA VIDA” e observei que há uma relação dialética entre a escuta e o diálogo, onde um não se apresenta sem o outro, desde a escuta dos processos e etapas na produção da rede à escuta atenta entre as artesãs que se consideram amigas e até mesmo irmãs no contexto de trabalho artesanal. Em alguns momentos, eu tive receio de incorrer em uma perspectiva de análise equivocada ou que as qualificasse de forma inadequada, sem considerar os seus saberes sob a sua perspectiva. Eu parti do princípio que elas são sujeitos pedagógicos (Freire, 1978), que constroem e trocam saberes diversos no processo educativo, o que permitiu observar os seus saberes e suas percepções não somente com base na minha perspectiva ou do embasamento teórico realizado, mas também sob as suas perspectivas.

Desta forma, identificou-se que elas dialogam sobre os saberes da experiência feito, saberes da experiência, saber fazer, saber da prática, saber do lar, saber técnico, saber da maternidade, saber do artesanato e saber da consciência corporal. Desta forma, os saberes advindos da experiência das mulheres, refletem saberes que elas possuem, produzem e trocam por meio da escuta e do diálogo. Esses saberes são revelados na medida em que elas conversam e refletem sobre eles, mas alguns deles ficam subentendidos em suas falas, pois num primeiro momento não os caracterizam como saberes. Nesse sentido, encontrou-se também a presença de reprodução de padrões socialmente definidos, bem como a aceitação da realidade pela “vontade divina”, como se a família e Deus escolhessem seus destinos e determinassem a sua realidade.

Destaca-se, também, a influência do Atelier nas vidas das mulheres, tanto as estimulando a qualificar-se profissionalmente quanto a desenvolver uma consciência de si para si e do seu lugar no mundo. A presença da vontade de permanecer no Atelier e tê-lo como uma segunda casa, reforça a sua relevância social e educacional. Educacional no sentido de promover uma educação pautada na construção coletiva, incentivando-as a ensinarem umas as

outras a medida que aprendem, e ainda as incentivando a ocupar posições de liderança dentro do projeto, para que elas o conduzam e integrem novas mulheres ao projeto.

Observa-se ainda que algumas percepções obtidas na observação foram diferentes da percepção individual delas, o que demonstra que os saberes observáveis nem sempre são os mesmos saberes constatados por elas. A presença das “vozes eco” nas entrevistas, ao se tratar sobre o lar e o ser dona de casa, reforçaram uma cultura patriarcal, bem como a invisibilidade deste trabalho e desvalorização dele, que inferem nelas um certo desacordo, mas não uma vontade de mudança em alguns momentos. A presença da escola, também fora notada, principalmente, do papel desta ao longo da vida. Há o reconhecimento de sua importância e até mesmo da sua necessidade na vida dos filhos e filhas, assim como a qualificação e de ter um ofício para elas.

Desta forma, as mulheres trocam saberes ao produzir as redes e os constroem, bem como os atualizam juntas, tanto em dupla quanto coletivamente, dentro do atelier e em suas casas, bem como na comunicação por meio de grupo de *WhatsApp*. Refletir sobre esses saberes, faz ocorrer, ainda, o anseio por conhecer outras percepções das demais artesãs e ainda, de explorar os contextos escolares e não escolares que elas ocupam, assim como a relação que possuem com os saberes e reconhecimento de si/para si como sujeito de direito.

REFERÊNCIAS

- ALTOE, Natalia Moreira. **Vivências pedagógicas com escuta e sensibilidade na educação infantil: diálogos com a pedagogia social'** 11/04/2022 125 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** Petrópolis: Vozes, 2012.
- ASSIS, Rogerio de. **A esperança como práxis teológico-pedagógica: um diálogo entre Jürgen Moltmann e Paulo Freire'** 24/03/2019 127 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Nove de Julho, São Paulo Biblioteca Depositária: Prof. José Storópoli.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Portal da Transparência.** Disponível em: <https://portaldatransparencia.gov.br/beneficios/auxilio-brasil>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/MinC. Disponível em: <https://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001010.htm>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- CHAPADINHA. *In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.* c2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/chapadinha/panorama>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- COSTA, Jose Ferreira da. **Sentidos da educação narrados pelos professores e professoras do curso de pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres/MT'** 20/02/2019 203 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Instituto de Educação e Biblioteca Central da UFMT.
- CUNHA, Gilmaria Ribeiro Da. **Documentação pedagógica no cotidiano da educação infantil'** 28/04/2019 178 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Anísio Teixeira-FACED e Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa da UFBA.
- FERREIRA, Elaine de Souza. **(In)experiência democrática, organicidade e práxis educacional em Freire'** 23/02/2022 1 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Londrina, Londrina Biblioteca Depositária: Biblioteca Central de Humanas.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 213 p. ISBN 8521900058.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta.** 8. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FUHRMANN, Nadia; PAULO, Fernanda dos Santos. **A formação de educadores na educação não formal pública.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 35, n. 127, p. 551-566, Abr./Jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302014000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 mar. 2024.

GONCALVES, Nubia Cristina. **Representações sociais na relação professor/aluno como prática pedagógica:** as vozes dos alunos de pedagogia do UNIPAM' 20/02/2019 86 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade de Uberaba, Uberaba Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.

HENRIQUES, Joselene Rodrigues. **Formação continuada centrada na escola, reflexividade e possibilidades de mediação do coordenador pedagógico:** um estudo a partir da análise dialógica do discurso' 08/12/2019 162 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba Biblioteca Depositária: Biblioteca UNIMEP - Campus Taquaral.

KOCH, Marta Maria Guerra. **Perspectivas pedagógicas para a educação infantil:** a presença da bibliografia italiana na produção científica brasileira' 27/01/2019 86 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade do Oeste De Santa CATARINA, Joaçaba Biblioteca Depositária: DIS 372.241 K76p 2019 Biblioteca Joaçaba.

LAZARO, Rafael dos Santos. **Currículo, afro-latinidade e formação do professor de espanhol:** perspectivas decoloniais sobre práticas didático-pedagógicas insurgentes' 20/12/2020 230 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UNIRIO.

MUYPURÁ, Lucca. **Povo Anapuru Muypurá:** processo histórico e retomada no Maranhão. Agência de Comunicação Zagaia, 2021. Disponível em: <https://zagaia.org/ancias/retomada-anapuru-muypura>. Acesso em: 12 abr 2024.

MAIA, Marcia Maria de Oliveira. **Narrativas de vida de professoras da educação infantil:** memórias docentes e identidades em construção' 21/12/2022 188 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Pará, Belém Biblioteca Depositária: Biblioteca Paulo Freire.

MELO, Arianne Sabado de. **Enquanto uma canoa desce o rio... Relação entre saberes culturais e práticas pedagógicas em uma escola na comunidade ribeirinha (Ilha) do Combu, Belém do Pará.**' 19/02/2020 undefined f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Pará, Belém Biblioteca Depositária.

MELLO, Eloisa Helena. **Políticas em ação do pedagogo:** dimensões, finalidades e limites de seu trabalho' 06/10/2020 291 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: SLS.

MOURA, Lenice Sales de. **Formação docente por alternância:** estudo de caso de professores egressos do curso de licenciatura em educação do campo/ciências da natureza da UFPI em Picos, Piauí' 16/02/2020 121 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UECE.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; TAVARES, Suzianne Silva. **A leitura e a escrita na escola prisional feminina: um diálogo a partir de Paulo Freire.** Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 23, nº 49, 19 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/49/a-leitura-e-a-escrita-na-escola-prisional-feminina-um-dialogo-a-partir-de-paulo-freire>.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 51-66.

PAULO, F. S.; NACHTIGALL, N. R. G.; GÕES, T. P. de. Educação Popular e Educação Social a partir de Paulo Freire: conceitos em disputas ou complementares?. **Revista Pedagógica**, [S. l.], v. 21, p. 43–62, 2019. DOI: 10.22196/rp.v21i0.4535. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/4535>. Acesso em: 15 set. 2024.

PAULO, F. Formação de Educadores Sociais: educação popular, educação não escolar institucionalizada e práticas educativas. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 65–80, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rieja/article/view/17105>. Acesso em: 10 set. 2024.

PRAUSE, Vanessa Fernandez. **Transtorno do espectro autista: atuação do professor de apoio pedagógico no ensino fundamental'** 13/08/2020 188 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel Biblioteca Depositária: <http://tede.unioeste.br/>.

PEREIRA, Andressa de Franca Montenegro. **Contação e escrita de histórias infantis: a pedagogia da escuta como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança'** 29/07/2021 150 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte, Mossoró Biblioteca Depositária: UERN/BC.

PLOIA, Hosana Hoelz. **Saberes de cozinheiras-educadoras em escolas Famílias Agrícolas do Vale do Rio Pardo/RS. Mestrado em Educação.** Instituição de Ensino: Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul Biblioteca Depositária: <http://hdl.handle.net/11624/3791>.

QUEIROS, Emanuela Carla Medeiros De. **Tecendo saberes sobre a formação inicial em literatura no curso de pedagogia: as vozes dos graduandos'** 29/08/2019 undefined f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal Biblioteca Depositária: BCZM/UFRN.

SANCHES, Janaina Baladez Cava. **Documentação pedagógica na educação infantil: análise da produção acadêmica'** 24/01/2021 75 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Centro Universitário Salesiano De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. **Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]. 2015, v. 96, n. 244, pp.

561-576. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2176-6681/345513545>>. ISSN 2176-6681. <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/345513545>.

SILVA, Carla Mahomed Gomes Falcao. **Parcerias entre instituições de ensino superior e museus de ciência e tecnologia no âmbito da formação inicial de professores'** 02/12/2020 148 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UNIRIO.

SILVA, Lisley Cristina Gomes da. **Diálogo pedagógico: princípio fundante da pedagogia crítica freireana'** 18/10/2022 226 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Católica de Santos, Santos Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Católica de Santos.

SILVA, Tassio Jose da. **Avaliação institucional na educação infantil: processos de construção de qualidade em uma creche paulistana'** 29/11/2021 256 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Rio Claro), Rio Claro Biblioteca Depositária: IB/RC.

SOUZA, Ilma Regina Castro Saramago de. **Práticas Pedagógicas e diálogos interculturais no cotidiano da Educação Escolar Indígena dos Guarani e Kaiowá em Dourados/MS'** 07/03/2019 189 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFGD.

SOUZA, Luana Karoline Pieckhardt Santos de. **Práticas alfabetizadoras de professoras do sistema penitenciário de Ponta Grossa — PR'** 26/10/2022 199 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.

TROMBETTA, Sérgio. Alteridade. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VERGUTZ, Cristina Luisa Bencke. **Pedagogia das vozes e dos silêncios: experiências das mulheres na pedagogia da alternância da escola família agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC'** 25/02/2021 403 f. Doutorado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul Biblioteca Depositária: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3112>.

ZANON, Denise Puglia. **O processo de curricularização da extensão universitária na formação de licenciandos na UEPG'** 28/04/2022 293 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

- Contato preliminar com a presidente da Associação Real Brasil
- Contato preliminar com as mulheres sujeitos da pesquisa

-Acompanhamento das atividades produzidas pelas mulheres:

Data:

Horário:

Local:

Participantes:

Observação da organização entre elas;

Observação da divisão de tarefas;

Observação do que e sobre o que conversam;

Observação de como se relacionam;

Observação das mudanças e permanências a cada encontro;

Observação de como o trabalho “levado” para casa provoca mudanças em sua vida;

Observação de como aprendem e ensinam umas às outras.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO

BLOCO 01: trajetórias formativas e de vida das mulheres.

Conhecer as trajetórias formativas e de vida das mulheres participantes do “Atelier de Costura da Vida”.

- Me fale um pouco sobre você: como você se descreve como mulher e a vida sendo uma mulher.
- Gostaria de saber como a escola fez/faz parte de sua vida, sobre a sua importância...ou seja, como a escola está/esteve ainda presente na sua vida. O que você aprendeu com a escola e com a vida?
- Também gostaria de saber como e por que você chegou até o Projeto e como ele tem influenciado no seu dia a dia.

BLOCO 02: saberes da experiência das mulheres

Investigar os saberes da experiência das mulheres em um contexto de educação não escolar e descrever como os saberes se manifestam na/durante a produção de redes.

- Por favor, você poderia descrever a sua rotina no projeto? (desde a sua organização para sair de casa, chegar no projeto, atividades realizadas no projeto e chegada em casa...).
- Agora, gostaria que pudéssemos nos ater ao que você considera necessário saber para produzir uma rede, no geral e em cada etapa.
- O que você aprendeu nesse tempo em que está no projeto? Com quem? Como você aprende? Você ensina também? O que? Quem e como aprende com você?
- E o que você tem aprendido ao participar dele, além de produzir as redes?

BLOCO 03: aprender-ensinar, trocar e construir saberes

Observar e analisar a presença e/ou a ausência da escuta e do diálogo na realização das atividades desenvolvidas no Ateliê de Costura e a sua importância na troca e construção de saberes.

- Considerando o que conversamos até aqui, gostaria que contasse sobre como é trabalhar em dupla e sobre o que vocês conversam durante a produção da rede.
- Como a sua participação no projeto tem influenciado sua vida? E o que ele significa para você quando a gente pensa em “saber” algo novo ou saber melhor sobre o que já se sabia?
- Olhando para toda a sua trajetória de vida e da sua formação na escola, “ser mulher” tem a mesma significação ou se modificou? Podes falar sobre isso comigo?

APÊNDICE C- QUADRO DE SABERES

Data	Local	Atividade	Tempo de realização	Saberes Necessários para a sua realização

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Você está sendo convidada para participar como voluntária do projeto de pesquisa intitulado “**PEDAGOGIA DO DIÁLOGO E DA ESCUTA: Os fios da educação que se entrelaçam em meio aos saberes das mulheres, a partir de suas experiências e em espaços não-escolares**”, que pretende, compreender como as experiências educativas das mulheres participantes do projeto “**ATELIER COSTURA DA VIDA: geração de renda que transforma vidas**” são tecidas por meio da pedagogia da escuta e do diálogo, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação. Área de concentração em Educação, Linha de Pesquisa em Educação, Trabalho e Emancipação da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa é a Pesquisadora/ Mestranda Maria dos Milagres Diniz dos Santos, que poderá ser contatada a qualquer tempo através do número (98) 984552080. O trabalho de pesquisa está sob orientação da professora Dra. Cheron Zanini Moretti.

Sua participação é possível pois você atende aos critérios de inclusão previstos na pesquisa, os quais são, participante das atividades de confecção de redes ofertadas pelo Projeto Atelier Costura da Vida: geração de renda que transforma vidas, desenvolvido pela Associação Real Brasil. Sua participação consiste em relatar sobre as suas experiências desenvolvidas a partir da participação no projeto. A pesquisa está prevista para o mês de abril do ano em curso, e será previamente agendada de acordo com o melhor dia e horário para as entrevistadas.

Para a coleta de dados, farei uso de um gravador e de um roteiro Semi-Estruturado, que ocorrerá na residência da entrevistada e obedecerá ao tempo e o momento da entrevistada, com interferência mínima da pesquisadora, porém observando a evolução da conversa.

Nessa condição, é possível que alguns desconfortos aconteçam, como situações de impedimento pessoal das participantes, tais como: problemas de saúde, ou imprevistos que impeçam a realização da entrevista na data marcada. Por outro lado, a sua participação trará benefícios, como o fato de ser participante da primeira turma do projeto desenvolvido, torna relevante a sua atuação nessa pesquisa que é pioneira nessa área e será sem dúvida de grande relevância para a comunidade acadêmica, especialmente para as mulheres chapadinhenses.

Para sua participação nessa pesquisa você não terá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer natureza. Ao final

da pesquisa você terá acesso aos resultados através devolutiva individual da pesquisadora para as participantes da pesquisa, em horário previamente agendado.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____ declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informada, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informada:

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- c) da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- d) do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- e) da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa; e,
- f) de que se existirem gastos para minha participação nessa pesquisa, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o/a pesquisador/a responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (051) 3717- 7680.

Local: Chapadinha- MA

Data: Julho de 2024

Nome e assinatura do(a) voluntário(a)

Nome e assinatura do responsável pela
apresentação desse Termo de Consentimento Livre
e Esclarecido

APÊNDICE E- Termo de Anuência**TERMO DE ANUÊNCIA**

Chapadinha-MA, _____ de _____ de 2024

Associação Real Brasil,

Declaro para os devidos fins conhecer o projeto de pesquisa intitulado “**PEDAGOGIA DO DIÁLOGO E DA ESCUTA**: Os fios da educação que se entrelaçam em meio aos saberes das mulheres, a partir de suas experiências e em espaços não-escolares”, desenvolvido pela pesquisadora Maria dos Milagres Diniz dos Santos, que pretende, compreender como as experiências educativas das mulheres participantes do projeto “ATELIER COSTURA DA VIDA: geração de renda que transforma vidas” são tecidas por meio da pedagogia da escuta e do diálogo, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, sob a orientação da professora Dra. Cheron Zanini Moretti, bem como os objetivos e a metodologia da pesquisa e autorizo o desenvolvimento na Associação Real Brasil.

Informo concordar com o parecer ético que será emitido pelo CEP-UNISC, conhecer e cumprir as Resoluções do CNS nº 466/12 e nº 510/2016 e demais Resoluções Éticas Brasileiras e a Norma Operacional 001/2013. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente protocolo de pesquisa e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem-estar dos pesquisados nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para tanto.

Atenciosamente,

Nome do responsável na instituição: _____

Cargo do responsável na instituição: _____

Assinatura do responsável na instituição: _____

APÊNDICE F- MAPEAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES

QUADRO 1- Mapeamento de Teses

Autor(a)	Título	Ano	Delimitação
Ilma Regina Castro Saramago de Souza	Práticas pedagógicas e diálogos interculturais no cotidiano da Educação Escolar Indígena dos Guarani e Kaiowá em Dourados/MS	2019	Tese
Jose Ferreira da Costa	Sentidos da educação narrados pelos professores e professoras do Curso de Pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres/MT	2019	Tese
Joselene Rodrigues Henriques	Formação continuada centrada na escola, reflexividade e possibilidades de mediação do coordenador pedagógico: um estudo a partir da análise dialógica do discurso	2019	Tese
Carla Mahomed Gomes Falcão Silva	Parcerias entre instituições de ensino superior e museus de ciência e tecnologia no âmbito da formação inicial de professores	2020	Tese
Eloisa Helena Mello	Políticas em ação do pedagogo: dimensões, finalidades e limites de seu trabalho	2020	Tese
Rafael dos Santos Lazaro	Currículo, afro-latinidade e formação do professor de espanhol: perspectivas decoloniais sobre práticas didático-pedagógicas insurgentes	2020	Tese
Tassio Jose da Silva	Avaliação institucional na educação infantil: processos de construção de qualidade em uma creche paulistana	2021	Tese
Denise Puglia Zanon	O processo de curricularização da extensão universitária na formação de licenciandos na UEPG	2022	Tese
Lisley Cristina Gomes da Silva	Diálogo pedagógico: princípio fundante da pedagogia crítica freireana	2022	Tese

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

QUADRO 2 - Mapeamento de Dissertações

Autor(a)	Título	Ano	Delimitação
Rogério de Assis	A esperança como práxis teológico-pedagógica: um diálogo entre Jürgen Moltmann e Paulo Freire	2019	Dissertação
Arianne Sabado de Melo	Enquanto uma canoa desce o rio... Relação entre saberes culturais e práticas pedagógicas em uma escola na comunidade ribeirinha (ilha) do Combu, Belém do Pará.	2020	Dissertação
Lenice Sales de Moura	Formação docente por alternância: estudo de caso de professores egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza da UFPI em Picos, Piauí	2020	Dissertação
Vanessa Fernandez Prause	Transtorno do espectro autista: atuação do professor de apoio pedagógico no ensino fundamental	2020	Dissertação
Elaine de Souza Ferreira	(In)experiência democrática, organicidade e práxis educacional em freire	2022	Dissertação

Luana Karoline Pieckhardt Santos de Souza	Práticas alfabetizadoras de professoras do sistema penitenciário de Ponta Grossa — PR	2022	Dissertação
Marcia Maria de Oliveira Maia	Narrativas de vida de professoras da educação infantil: memórias docentes e identidades em construção	2022	Dissertação

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

QUADRO 3 Mapeamento de Teses e Dissertações

Autor(a)	Título	Ano	Delimitação
Gilmaria Ribeiro da Cunha	Documentação pedagógica no cotidiano da educação infantil	2019	Dissertação
Marta Maria Guerra Koch	Perspectivas pedagógicas para a educação infantil: a presença da bibliografia italiana na produção científica brasileira	2019	Dissertação
Andressa de Franca Montenegro Pereira	Contação e escrita de histórias infantis: a pedagogia da escuta como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança	2021	Dissertação
Janaina Baladez Cava Sanches	Documentação pedagógica na educação infantil: análise da produção acadêmica	2021	Dissertação
Natalia Moreira Altoe	Vivências pedagógicas com escuta e sensibilidade na educação infantil: diálogos com a pedagogia social	2022	Dissertação

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

QUADRO 4- Mapeamento de Teses e Dissertações

Autor(a)	Título	Ano	Delimitação
Emanuela Carla Medeiros de Queiros	Tecendo saberes sobre a formação inicial em literatura no curso de pedagogia: as vozes dos graduandos	2019	Tese
Nubia Cristina Goncalves	Representações sociais na relação professor/aluno como prática pedagógica: as vozes dos alunos de pedagogia do UNIPAM	2019	Dissertação
Cristina Luisa Bencke Vergutz	Pedagogia das vozes e dos silêncios: experiências das mulheres na pedagogia da alternância da Escola Família Agrícola De Santa Cruz Do Sul – EFASC	2021	Tese

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

QUADRO 5- Mapeamento de Teses e Dissertações

Autor(a)	Título	Ano	Delimitação
Thais Brito Chacon	A potência dos saberes femininos na agroecologia: os quintais como espaços de reprodução da vida	2023	Dissertação
Joana Gardasz Serconhuk	Mulheres na comunidade de linha Paraná Anta Gorda: um olhar sobre saberes da experiência e sociabilidades para o ensino de história	2022	Dissertação
Sauanny de Oliveira Lima	Tecendo Vozes: Estudo sobre a partilha de saberes femininos no espaço da biblioteca	2022	Dissertação

Lilian Santos da Silva Fontanari	Memórias silenciosas: (in) visibilidade e saberes femininos no Museu Recanto do Balseiro, Itá, Santa Catarina	2020	Dissertação
-------------------------------------	---	------	-------------

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

APÊNDICE G- CRONOGRAMA

Seguindo, o caminho metodológico empregado ao longo da pesquisa, aqui é apresentado o cronograma de realização desta, desde a apresentação das intenções à sua defesa. Destaca-se que a pesquisa se iniciou no ano de 2023, quando foi realizada a apresentação dos objetivos às participantes do projeto investigado. Desta forma, em virtude das atividades do projeto iniciarem no segundo semestre de 2023, a observação participante iniciou neste período, o que enriqueceu o diálogo e a troca entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa.

AÇÕES	2023					2024										
	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.
Apresentação da intencionalidade e da pesquisa para a orientadora	X															
Elaboração do projeto de pesquisa	X	X	X	X	X	X	X	X								
Contato preliminar com a presidente da Associação Real Brasil		X														
Contato preliminar com as mulheres sujeitos da pesquisa		X														
Acompanhamento das atividades produzidas pelas mulheres		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				
Banca de qualificação										X						
Realização das entrevistas com as mulheres												X				
Transcrição e análise das entrevistas												X	X			

